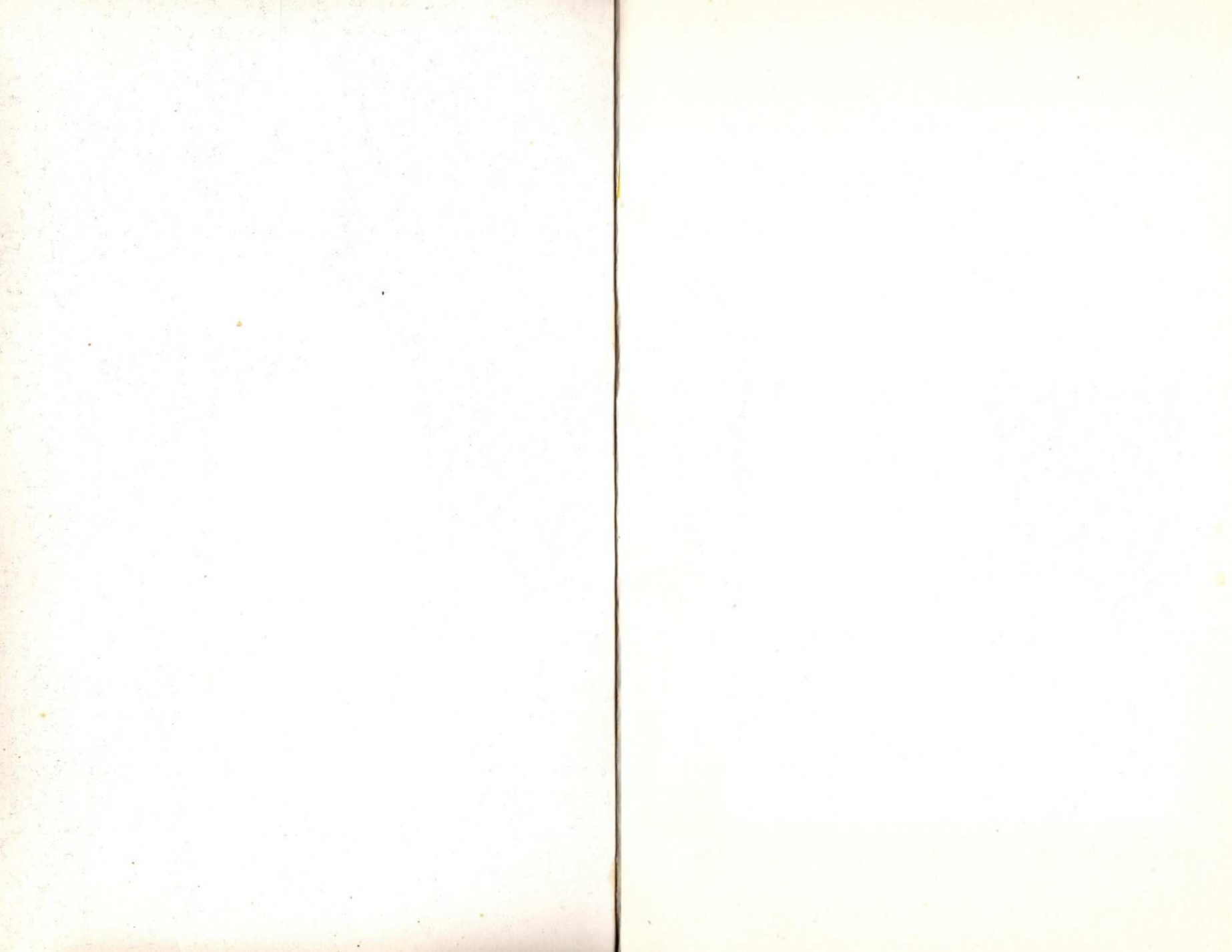




FRANCISCO
CÂNDIDO
XAVIER

*DITADO PELO
ESPÍRITO DE
EMMANUEL*

SEGUE-
ME!



SEGUIE-ME!...

(Ditado do Espírito de
Emmanuel)

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

SEGUE-ME!...

(Ditado do Espírito de
Emmanuel)



1.^a Edição

Estado de São Paulo.

SEGUE-ME! E ELE O SEGUIU ...

(Mateus, 9:9)

Este livro é
comemorativo da
outorga da
Cidadania Paulistana
ao médium

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

pela
Câmara Legislativa da
Cidade de São Paulo
Brasil

Plano da obra

José Roberto Teixeira Bento
Sérgio Luiz Campani
Wallace Leal V. Rodrigues]
Luiz Parreira

Capa de:

José Roberto Teixeira Bento

Especial auxílio devido a:

M. B. Tamassía
Orlando Paschoal

Gratidão à:

PLANALTO S. A. [por
especiais serviços
de clichêria

PREFÁCIO

O MISTERIOSO PODER

O desenvolvimento espantoso que o Espiritismo conhece no Brasil, e que, ainda recentemente, foi posto às claras quando milhares de pessoas se postaram atentas diante do vídeo — até à madrugada — para ver e ouvir o médium Francisco Cândido Xavier nos já célebres (traduzidos até mesmo para o japonês) programas “Pinga Fogo”, da TV Tupi, e que bateram todos os récores de IBOPE no Brasil, capitalizando as atenções com o mesmo febril interesse de especiais acontecimentos, que empolgaram a Humanidade, como o primeiro astronauta pisando o solo lunar; ou nacional, quando o Brasil trouxe para nós a ambicionada Taça Jules Rimet.

E depois vem esse fenômeno, essa catarata de ofícios que o médium recebe, partindo dos executivos de centenas de municípios brasileiros, desejosos de ofertar ao sensitivo-apóstolo o título-honorário de suas cidades...

As culminâncias de um diálogo coletivo entre o homem-bom-de-Pedro Leopoldo e os cadetes da fechadíssima Escola Superior de Guerra...

Os milhões de livros espíritas editados no Brasil, entre os quais 300 mil exemplares do Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, e perto de 150 obras devidas às mãos de Francisco Cândido Xavier, algumas das quais

traduzidas para o Esperanto, o Inglês, o Francês, o Espanhol e o Japonês, num cômputo geral que se aproxima de 3 milhões de exemplares...

A torrente humana que fez parar o Rio de Janeiro quando Francisco Cândido Xavier foi feito cidadão honorário do Estado da Guanabara...

A perplexidade dos livreiros estrangeiros quando, no decorrer da II Bienal Internacional do Livro, realizada no Ibirapuera, ocasião em que Chico Xavier autografou cerca de 10 mil livros num período que mediu entre 14 horas da tarde do domingo e 4 da madrugada da segunda-feira, atendendo a uma fila obstinada de milhares de pacientes e incansáveis candidatos a um autógrafo pessoal...

O sucesso madrugador do livro lançado pelo Promotor Público, Dr. Djalma Lúcio Gabriel Barreto, que viu esgotar-se em dias a primeira edição de "Parapsicologia, Curandeirismo e Lei", com o qual abre a primeira brecha na muralha do Código Penal Brasileiro, buscando defesa e conceituação para os verdadeiros médiuns-curadores — um interesse que tomou, no mundo inteiro, o reino de Esculápio...

O título de cidadão paulista, outorgado pela Assembléia Municipal de São Paulo, e que justifica este livro comemorativo, pois se o Brasil é o país mais espírita do mundo, o Estado de São Paulo é o Estado mais espírita do Brasil...

O interesse de homens de ciências que aportam ansiosos ao nosso país, a sós ou em equipes, representando organizações de conceito universal, como a "Belk Foundation", a "Life Energies Research Inc"...

O Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Charlottesville USA...

O Dr. Hamendra Banerjee, Diretor de Pesquisas do "Instituto Indiano de Parapsicologia", de Jaipur...

O Dr. Lynn Cayce, Presidente da "Association for Research and Enlightenment", de Virginia Beach, USA.

O Dr. Andrija Puharich, da "New York University, Medical Centre", e que recentemente permitiu fosse publicada na revista "Medicine" uma sua conferência a-

companhada de slides, pronunciada na "Stanford University", USA, confirmando a autenticidade das faculdades psíquicas de José Arigó, investigadas por ele e toda uma equipe de médicos, engenheiros, biofísicistas, etc...

Toda essa provocação à investigação, não apenas por cientistas voltados para a denominada "Cinderela das Ciências", a Parapsicologia, mas também por parte de antropólogos e sociólogos, de modo que o ilustre professor Cândido Procópio Ferreira de Camargo, defendeu tese com uma obra mais tarde publicada pela "Biblioteca de Ciências Sociais", sob o título de "Kardecismo e Umbanda"...

E estamos passando por cima de o Governo do Brasil ter emitido três selos comemorativos de Allan Kardec, um recordando Luiz de Matos e outro Luis O. Teles de Menezes, fundador da imprensa espírita no Brasil...

Vem a propósito perguntar: quem esteve e está dando o "recado" do Espiritismo — e tão bem dado, com tão alto poder de se expressar, — de um lado — e de apreender, de outro, — de modo a que toda gente entendeu e entende, se entusiasmou e se entusiasma cada vez mais, a ponto de um fenômeno esdrúxulo estar em andamento: o país que se diz o mais católico do mundo, é, igualmente o mais espírita do mundo???

E dizemos esdrúxulo porque o catolicismo tem sido, na história da Humanidade, uma espécie de gigante Golias — tal como a Bíblia o pinta —, infenso a pedir e acostumado a mandar, exigir, impor. E veio esse garotão de 100 anos — o que representam 100 anos na história da Humanidade? —, sem querer brigar e se desviando das bordoadas para, usando do seu estilingue certo, arremeter como frutos de entendimento, flores de amor e de tolerância???

Quem foi o autor dessa estratégia? Quem foi?

Quem compreendeu o trabalho renovador de Kardec e soube transmiti-lo de modo tão eficiente? Quem foi que deu a esses "90 milhões em ação" uma obra que, sucinta a 5 volumes básicos, fê-la tão entendível, tão capaz de convencer, sem insistência, sem imposição, fazendo sorrir e chorar como se tudo no mundo, até a dor, a dificul-

dade, se tornem em glória, de maneira tão acessível, tão lógica, tão pertinente, tão respeitosa das liberdades individuais, tão distante do melífluo bizantinismo das ortodoxias que, passado tão pouco tempo, podem ser contadas a dedo as cidades do Brasil onde não exista, sob a bandeira do Espiritismo e absolutamente sem discriminações de raça, religião ou cor, o seu albergue, a sua creche, o seu Hospital Psiquiátrico, a sua sopa aos pobres, as suas casas de orações, nas quais a atmosfera é AMOR e a finalidade ensinar a viver ou a ministrar misteriosos fluidos do homem em favor do alívio do sofrimento humano?

Quem criou esse exército de simões-cirineus que, invariavelmente, se encontram para estudar os Evangelhos legados por Cristo, magnetizar a água pura e providenciar o possível para os corpos e os espíritos?

Quem tornou a literatura brasileira notável na história da Humanidade pelo fato inédito de um único homem ser capaz de produzir através de uma faculdade que se conhece em sua manifestação, porém não em seu modus operandi —, centenas de milhares de páginas, em prosa ou em verso, escritas por mãos que, de acordo com o “senso comum”, estão incapazes de prosseguir em suas tarefas literárias pelo fato de se terem imobilizado e enregelado pelo frio da morte?

Quem foi? Quem foi?

* * *

Diz-se que no Brasil cada vez lê-se mais.

E, sem sombra de dúvida, naturalmente pondo-se de lado as Faculdades com seus seminários, estudos em grupo, etc, os espíritas constituem nas comunidades as platóias que, com maior boa vontade e mais habitualmente, se reúnem para o adentramento de temas, a pesquisa, a análise, o diálogo inagressivo, e isto porque o Espiritismo é, essencialmente, “algo para ser discutido e não para ser pregado”, uma vez que, conforme o dizer de Kardec, ele caminha com as ciências, sem dogmas nem artigos de fé, impostos sob quaisquer ameaças de pena. Desse desfazimento de mistérios já sucedeu de assistirmos — tendo sido sorteado para o estudo da noite o “Não julgueis para não

serdes julgados”, na reunião de estudos da Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba —, aos esforços e à argumentação candente de um juiz experiente e que se sentia, “pour cause” na obrigação de defender o “direito” e a “necessidade” do julgamento, mas tendo pela frente uma serena e discordante opinião, contrapondo-lhe as injunções inabituais do criticismo e do acriticismo.

Em quase toda a sua maioria, essas pessoas tinham lido, pois o Espiritismo, sendo Filosofia, Ciência e Religião, empurra gentilmente as criaturas a adquirirem recursos para “enfrentar a razão face a face, em todos os tempos da Humanidade”. E sendo aqueles argumentadores, em sua maioria, saídos das classes média ou pobre — e por isso obrigadas às jornadas legais de 8 horas para o ganhão —, tinham necessidade de ler através de um método de assimilação rápida que lhes oferecesse o máximo no menor espaço de tempo possível, aprendendo, por compensação, muito mais depressa do que os leitores comuns ou os membros de outras denominações religiosas, — aquele grupo, digo, servia de amostragem a uma multidão que cresce dia-a-dia e chega a constituir, para certos “interesses criados” uma espécie de alarme, conforme bem o demonstrou num domingo de certo mês nos fins do ano passado, um jornal paulista antigo e teso como um bastião de vidro: o “Estado”.

Ora, voltamos a perguntar: quem foi que soube e pode manipular, transferindo-a, essa maneira de assimilação tão rápida, antecipar esse método que hoje se tem por “moderno” — antecipando-o desde os idos de 1937 —, levando os leitores a uma assimilação tão imediata e, mais do que isto... como diremos?... contagiante?

O alarme do jornal citado e, além dele, de certas individualidades e instituições, aconteceu porque, inesperadamente, tomou-se conhecimento da existência do Professor François Richaudeau, Coordenador do Centro de Estudos e Promoção da Leitura, de Paris, e de seu trabalho na revista Comunicação e Linguagem, e de um seu livro, de fundamental valor na história da percepção dinâmica: “A Legibilidade”. Ele fez entender que as elites serão comandadas pelas pessoas que SOUBEREM O QUE LER, que

souberem COMO LER, mesmo pondo de lado que o façam em velocidades diferentes.

Ora, já há alguns anos, "alguém" sabia como manipular essa metodologia de assimilação, "alguém" que antecipou esse método "moderno", levando os leitores a uma assimilação tão rápida quanto possível.

Diz-se no organismo fundamental do Espiritismo, que o verdadeiro espírita é aquele que se distingue por sua modificação íntima. Essa modificação íntima — ousamos dizer — que vem "de fora para dentro" como um doloroso parto às avessas, e se expressa partindo "de dentro para fora", em agradáveis e felizes demonstrações, em parte é fruto do exemplo assistido ao vivo, áudio e visual, mas a "leitura que faz aprender rapidamente" tem um fator preponderante e que leva os espíritas como que intuitivamente a se entredizerem: "Estudai! Estudai!"

Todavia, quem foi que soube fazer correr as peças desse jogo de xadrez, esse método de assimilação tão rápido e oferecendo resultados tão imediatos. Quem foi?

* * *

Em 1931, é possível que ninguém no Brasil cogitasse em "leitura ou escrita psico-dinâmica". E se tal ocorria nos meios intelectuais dos grandes centros, o que se esperaria de uma pequenina cidade perdida entre as montanhas de Minas, distanciada milhas e milhas de Paris? Dentro das idéias que nós espíritas, hoje laboramos, podemos admitir que — vamos dizer, havia-se "idealizado" (em termos platônicos) — um Centro de Estudos e Promoção da Leitura que poderia existir no denominado Mundo Espiritual. Todavia, a notícia dessa existência — se por alguém poderia ser dada, seria pelo espírito de André Luiz. Essa entidade, entretanto, ainda não fizera o seu glorioso "début" e, ainda, em sentido platônico, a ninguém ocorreria que um Centro de Estudos pudesse ser guindado para a superfície terrestre.

Mas, o trabalho havia começado e alguém estava a postos. Francisco Cândido Xavier, médium brasileiro de fama universal, "viu-o". A narrativa chegou aos pósteros da seguinte maneira:

"Lembro-me de que, em 1931, numa de nossas reuniões habituais, vi a meu lado, pela primeira vez, o bondoso espírito de Emmanuel. (F. C. Xavier, "Emmanuel" — Dissertações Mediúnicas — FEB, 1938, 2.^a edição, pag. 15).

"Desde 1933 — depõe Francisco Cândido Xavier —, Emmanuel tem produzido por meu intermédio, as mais variadas páginas sobre os mais variados assuntos. Solicitado por confrades nossos para se pronunciar sobre esta ou aquela questão, noto-lhe sempre o mais alto grau de tolerância, afabilidade e doçura, tratando sempre todos os problemas com o máximo respeito pela liberdade e pelas idéias dos outros."

* * *

Há anos estamos colecionando mensagens do Espírito de Emmanuel, psicografadas por Francisco Cândido Xavier e que se encontram neste volume por estarem ainda sem publicação em livro. Colecionava eu o volante a cada vez que, com maestria e singular inteligência, totalmente desprovido de qualquer sofisticação, o admirável espírito abordava um ângulo interpretativo do caleidoscópio da vida.

Eis, porém que o livro, "A Legibilidade", de François Richaudeau e alguns números da revista "Comunicação e Linguagem", me vieram ter às mãos. E minha surpresa foi indescritível ao verificar que, já nos idos de 1937, o Espírito de Emmanuel empregava a metodologia descoberta por Richaudeau, levando conseqüentemente, o leitor à leitura dinâmica que, por sua vez, motivou os surtos crescentes de progresso que o Espiritismo apresenta em nosso país, e que não podem ser comparados a nenhum, em qualquer outra nação da Terra, inclusive a própria França.

Quando contei o fato ao médium Chico Xavier, o choque de surpresa que ele recebeu, não foi menor do que o meu. Não achou mais do que a sua expressão honesta e inocente de criança, "às quais pertence o Reino dos Céus", para exclamar:

— Oh! Gente! Mas que é isso!!!

Expliquei-lhe por alto do que se tratava, e agora que tenho a oportunidade de publicar este livro lindo, que mar-

ca um momento na bibliografia psicográfica do médium através do aproveitamento de *fleashes* de Gustavo Doré, o genial artista francês, julgo por bem deixar que o leitor também estude as lições contidas em cada mensagem, confiando em sua inteligência para a fixação do quanto de oportuno e indispensável Richaudeau-Emmanuel nos têm a oferecer.

Antes de ir mais longe, devo explicar ao leitor que a escolha dos flagrantes de Doré interessou-nos vivamente porque eles contêm a atmosfera psíquica, os personagens e os cenários que tão habilmente o artista soube captar à leitura dos Evangelhos, cujas pequeninas "chaves" imensas em sabedoria, o autor-espírito desdobra ao entendimento humano.

* * *

Quanto a Richaudeau, é preciso dizer que a sua obra é fundamental na história da Percepção Dinâmica — o que vem provar, como foi previsto, que o Espiritismo vai caminhando passo a passo com os avanços da ciência.

A proliferação dos computadores, dos aparelhos eletrônicos de sistematização, certamente provocará uma diversificação no processo da leitura. Richaudeau diz o seguinte: "Nossos olhos, comandados pelo cérebro, se tornarão instrumentos de uma pequena caixa de velocidade. Existirão textos para serem lidos com primeiro interesse, com segundo interesse, e assim por diante. Os mais hábeis, como os automóveis mais potentes, conseguirão ampliar sua potencialidade até seis ou sete estágios de leitura".

Em última análise, o leitor do futuro regularizará seus olhos de acordo com suas necessidades, com a importância de cada mensagem, e, principalmente, com o tempo.

Em 1830 Lamartine disse que a proliferação do jornal e o desenvolvimento de sua distribuição, representavam o fim do livro, da cultura do livro. Há 20 anos se anuncia a morte do livro e da palavra impressa, sob todos os pontos-de-vista.

Ora, nunca se venderam tantos livros, seja nos Estados Unidos, na União Soviética, seja no Brasil — como nestes 20 anos. Quem defende a civilização da imagem e,

conseqüentemente, do som, se esquece de um detalhe muito simples e fundamental: mesmo que o homem consiga falar à velocidade de 9 mil palavras por hora, sempre conseguirá ler à razão de 27 mil palavras por hora — tres vezes mais depressa. Um leitor rápido dobra facilmente essa marca. Melhor ainda: esses números se referem à leitura integral. Numa leitura seletiva, a taxa de informações se multiplica por dois ou tres. Assim, parece evidente que a leitura deva se manter como meio de aquisição, aprendizado, assimilação, por mais tempo, e num tempo de duração superior a qualquer sistema audio-visual.

O Espírito de André Luiz já nos conta que, em certas esferas do Mundo Espiritual, o processo de leitura, em alguns casos, é uma verdadeira tela de TV, mosaico capaz de englobar, ao mesmo tempo, informações simultâneas de toda uma sociedade em ação.

Um encontro mais íntimo com a prosa ou o verso do Espírito de Emmanuel, nos faz ver que a leitura, pelo contrário, requer sobretudo uma certa formação cultural, que pode ser patrimônio até de outras vidas transcorridas na Terra ou estágios em certas instituições do Mundo Invisível. E as pessoas que sabem adquirir seu conhecimento através dele, têm condições de acumular dezenas de vezes mais informações do que as que apenas usam os audiovisuais. Desse modo, aqueles que já sabem como ler, permanecerão sempre mais cultos e mais preparados do que os partidários dos audiovisuais — e a trágica segregação, intelectual e cultural — entrevista em um filme de ficção científica, "Fahrenheit 8", talvez já exista em nossa sociedade de consumo, em nossa civilização da abundância.

Depois disso, o leitor poderá querer saber em que consiste a "leitura" e o que acontece quando se lê.

Os cientistas especializados nos informam que se conhece muito pouco sobre o mecanismo da visão. E alguns deles chegam a avançar para o domínio ainda mais misterioso da visão extra-retiniana, ou a desconfiar que a pele humana é dotada de células fotoelétricas. E o que menos se sabe é acerca das relações entre a visão e as funções mentais. A retina, que envolve o fundo do olho e percebe as imagens, pode ser considerada como uma ex-

crescência do cérebro — que se projeta e é sensível à luz. Ela conserva células cerebrais típicas que, colocadas entre as células receptivas da luz e o nervo óptico, modificam grandemente a atividade dos centros receptivos: os “cones”, que permitem a percepção das cores, e os “bastonetes”, que autorizam a visão monocromática (os tons de preto, cinza e branco).

Somente a parte central da retina garante uma visão detalhada e precisa do objeto observado. Na parte posterior do cérebro, numa zona chamada “área estriada”, os neurólogos localizaram a “área de projeção visual”: quando um eletrodo estimula alguma parte dessa região, acredita-se ver um clarão.

Alguns estudiosos acreditam que o olho percebe um grupo de letras, sinais, símbolos, e seleciona o que lhe interessa através de uma percepção global, comparável à projeção de uma imagem qual uma tela de cinema. Outros pensam que seja como a percepção detalhada que se tem diante da tela de TV, permanentemente percorrida por um pincel de eletrons, cujo movimento faz reconstituir as imagens transmitidas. E há ainda quem pense que os neurônios da “área de projeção visual” estejam diretamente ligados aos 10 bilhões de neurônios que compõem todo o cérebro, principalmente os que fazem os circuitos da memória. No fim das contas, nem mesmo os pesquisadores mais avançados encontraram respostas melhores que as suposições, ou que as hipóteses, ainda completamente aleatórias.

O Espírito de Emmanuel, entretanto, parece já saber que o processo visual de um leitor não é contínuo. Pode-se acreditar que ele siga um caminho normal: primeiro, na primeira linha, depois na segunda e assim por diante. O olho usa, para ler, movimentos bruscos: fixa-se em média durante um quarto de segundo sobre um trecho de texto; lê efetivamente durante outro quarto de segundo; faz um movimento de deslocamento, sem nada ler, por 1/50 segundos; e se fixa, novamente, um quarto de segundo, iniciando um novo ciclo.

O olho do leitor rápido não segue esse processo mais rapidamente do que o olho do leitor lento. Ao contrário, o ponto de fixação é sempre constante.

Emmanuel parece conhecer que o que distingue realmente os leitores rápidos dos lentos, é que, durante essa fixação de um quarto de segundo, o olho e os prolongamentos nervosos dos rápidos, apreendem, decifram, lêem uma quantidade maior que a dos lentos.

Richaudeau chamaria a isso de “transformação de rapidez”.

Esta é, por exemplo, a leitura integral que se faz de um romance, de uma obra literária qualquer. Mas existe também a leitura seletiva, a leitura de um jornal, de uma revista técnica. Nesses casos, o olho percorre mais rapidamente o texto, restringindo-se a verificar se ele está ordenado, limitando-se a reter as informações que lhe interessam momentaneamente. Essa leitura seletiva sempre existiu — e foi qualificada como “leitura em diagonal”. Mas ainda existem pessoas, lentas, que lêem em voz alta ou sussurrando o texto. A velocidade de leitura dessas pessoas é exatamente igual à sua velocidade de palavras: em média, 9 mil palavras, 50 mil sinais por hora. Um processo evidentemente ineficaz: um leitor rápido pode decifrar até 60 mil palavras por hora. Além disso, quando se soletra o texto em voz alta, palavra por palavra, no fim da frase já se esqueceu o começo da proposição — não se podendo compreendê-la e muito menos gravá-la. A leitura rápida, todavia, domina uma continuidade importante de palavras e até de frases, assimilando melhor as ligações entre as informações sucessivas. Ela penetra melhor no pensamento do autor e dele deduz idéias encadeadas, mais coerentes, como é o caso das mensagens inseridas neste livro.

Como já está provado que não se retém senão associações de noções ligadas entre si por um fio condutor, o leitor rápido memoriza melhor. Transformação de rapidez é exatamente a potencialidade que um leitor tem para ler dinamicamente e ao mesmo tempo assimilar o que leu, coordenando as frases e as idéias expressas. Sem isso, é melhor ler em voz alta e não aprender nada.

O Espírito de Emmanuel parece cuidar mais especialmente da seletiva, consistindo esta em procurar certas palavras ou certas frases que possam interessar mais particularmente o leitor. Quando procuramos um número na lis-

ta telefônica, por exemplo, nossos olhos correm sobre os nomes, sem ler nenhum deles. Eles não se deixam prender senão por um grupo de letras ou por um amontoado de nomes familiares. Outro exemplo: nós estamos interessados por grupos de palavras, aqueles que os linguistas chamam "palavras-chave", essencialmente os sujeitos, os verbos, secos e breves, indefectíveis. De qualquer forma o bom leitor é o que possui um bom rendimento entre as informações que deseja conseguir reter.

É o caso das mensagens serem sempre breves e sintéticas.

Mede-se esse rendimento fazendo com que uma pessoa leia textos dos quais foi eliminada uma palavra sobre cinco.

Quem consegue ler dinamicamente um texto e apreender, no mínimo, 50% de seu sentido, estará no caminho certo. O resto é apenas treinamento. Em outras palavras, um bom leitor dinâmico consegue entender um texto passando os olhos apenas por uma palavra em cada duas. Isso no plano da informação pura. Ninguém pode pensar que essa medida sirva, por exemplo, ao "Ulysses", de Joyce, montado basicamente sobre as palavras e não sobre um conjunto delas.

Outra pergunta que pode ser levantada é a seguinte: Há, em relação ao Espiritismo no Brasil, um escopo tão alto que, encontrado o médium em Chico Xavier, pôde-se, no Além, proceder a uma espécie de "peneiramento", isto é, a um processo quase científico permitindo ao leitor reter somente o útil, deixando de lado o supérfluo?

É quase certo que sim. Essa técnica só é comparável à filtragem de sons feita pelos técnicos de rádio e discos, tal o refinamento do médium. Extraíamos a mensagem de um trecho de música e eliminemos os sons agudos e os graves. Apenas quando conseguirmos perceber perfeitamente a marcação rítmica, reconheceremos os últimos restos da harmonia eliminada. E, nesse caso, a música perde todo o caráter estético. É o mesmo caso do "Ulysses".

Dia virá em que os editores e impressores — é possível que tal se faça, por exemplo, na França — façam ques-

tão fechada de saber como compor as páginas de cada livro, para que o leitor tome conhecimento das idéias contidas nele com um máximo de eficácia e prazer.

Estamos tentando aplicar o Gestalt em Matão, mas a legibilidade parece ser uma escala à parte, a aptidão que um texto possui para se comunicar com o leitor num amplo índice de assimilação.

Esse cuidado, a bem da verdade, não é preciso termos em relação à obra do Espírito de Emmanuel. Nos demais, todavia, a eficácia, a assimilação englobam muitos fatores: a noção de fadiga, por exemplo; a noção de tempo disponível; a noção de compreensão; e, sobretudo, a noção de memorização. Nada adianta compreender um texto que se esquece cinco minutos depois. Principalmente em se tratando da mensagem espírita. E a eficácia engloba também a noção de afetividade: é preciso que a maneira pela qual o texto é escrito e composto não seja enfadonha para o leitor.

As experiências comprovaram que, com exceção dos estilos tipográficos não costumeiros, como o gótico por exemplo, não se constata diferenças de velocidade entre os textos compostos com caracteres diferentes — sejam tipos magros ou gordos, modernos ou tradicionais, com saliências nas bases ou não.

O olho do leitor não sente as diferenças das múltiplas variações de desenho de cada letra. Os técnicos acham que deveria existir um estilo tipográfico para os leitores rápidos.

O exame das mensagens contidas neste livro confirmam um fato que já foi comprovado pelos técnicos: que só a parte superior do texto impresso traz efetivamente a mensagem que deve ser lida. Então, perguntam, e entre eles o próprio Richaudeau, por que não criar letras novas, onde só sobrevivem os pontos essenciais de cada uma?

Richaudeau ensina que o que existe de importante na leitura, não é o que está escrito, mas o que deve ser lido. Nos Estados Unidos já se fazem cursos especiais nas escolas de jornalismo, onde os especialistas em leitura rápida analisam os textos dos futuros profissionais da Imprensa, sugerindo novas construções e novas técnicas. E-

les constatarem por exemplo, que o início da mensagem e o início da primeira subfrase — aqui convidamos o leitor ao exame das mensagens publicadas neste livro —, são mais bem retidas na memória do que os finais. Ou seja, constatarem que as informações essenciais devem ficar, sempre, no começo de cada sentença. Pode ser que, literariamente, a melhor informação caiba melhor no fim da página. E o leitor pensará: “Que bonita construção literária!” Mas, pelo menos uma vez em quatro, ele se esquecerá rapidamente da informação que tal frase continha.

Isto não significa que as leituras sejam simplesmente de fatos, sem rodeios ou enfeites. Não é preciso exagerar. Quando os floreios, as variações, os enfeites são escritos por homens de talento, o texto marca um estilo. Todavia, nas publicações técnicas, e em 75% da vida cotidiana, é preciso ser realista, ou fatual.

Na literatura, e em alguns casos até mesmo na Imprensa, os profissionais criadores de talentos não precisam ser rígidos. Embora seja conveniente que eles tenham noção de certas regras básicas. Um autor que não admite limitações psico-linguísticas, para Richaudeau, é como um arquiteto que faz casas seguindo regras geométricas. Por não perceber as qualidades estéticas de sua obra, ele construirá gigantescas escadarias de mármore róseo, onde os degraus terão mais de um metro cada um. E, para entrar na casa, o proprietário será obrigado a levar pranchas, tijolos, transformar a própria escada. Em outras palavras: uma vez que os autores se recusam a tomar conhecimento de regras básicas, o mesmo fenômeno se reproduz — o leitor não consegue ler, fica psicologicamente impedido de assimilar as informações que o texto apresenta. Ou, quando consegue ler, o que entende é muito diferente do que está escrito.

Poderia isso originar uma confusão literária?

Não existem conseqüências, mas sim traição. E o responsável por essa traição é precisamente o autor. Há muitos anos Richaudeau vem falando em leitura dinâmica — e seus compatriotas franceses passaram todos esses anos chamando-o de iconoclasta, destruidor de cultura. Hoje, porém, os próprios membros dos corpos de ensino das

escolas francesas, reconhecem a validade do método. Ele foi testado, aprovado, e por sua defesa Richaudeau ganhou louvores do Instituto Pedagógico Nacional da França. Foi o primeiro editor a publicar princípios de leitura dinâmica em livros de bolso, aliás muito bem vendidos. Nos Estados Unidos a leitura dinâmica é ensinada correntemente nas escolas, e muitos especialistas confirmam que o seu aprendizado é extremamente valioso para os adultos. Melhor ainda com as crianças, pois elas são maleáveis, infinitamente mais abertas a novas experiências.

As experiências demonstram que entre 8 e 12 anos, o aproveitamento da leitura dinâmica é, praticamente, integral. Aos 15 anos, nos cursos vocacionais, nos períodos de preparação para os vestibulares às Universidades, chega o tempo de se ensinarem as vantagens da leitura seletiva. Não é absolutamente preciso aprender, ao mesmo tempo, a leitura dinâmica integral e a leitura simplesmente seletiva.

Para Richaudeau e para muitos especialistas em comunicação de massa, a leitura rápida é uma técnica indispensável ao homem moderno, pois ela é a única maneira de se resolver o problema da concorrência entre os processos audio-visuais de comunicação e o livro e o jornal.

E o que pode ser mais básico, mais elementar, na formação cultural e espiritual de um homem do que o livro, com seu retrato detalhado da história passada, ou o jornal com o seu flagrante instantâneo e permanente da própria sociedade em ação?

Este livro, acompanhado pela nossa despretentiosa visão de um tão largo espectro, vem provar, através da leitura da psicografia de Emmanuel que, se no Alto o Espiritismo caminha com as ciências, melhor e maior cuidado é dispensado ao homem-novo, que caminha rasgando os falsos véus do Templo, muito lhe é dado, e com extremo cuidado. E muito bom seria que ele soubesse tirar o máximo partido de quanto os portadores do Mundo Maior lhe põem entre as mãos, pois só agora estão aprendendo a segurar bem firme o evangélico rabiço do arado.

Wallace Leal V. Rodrigues
Araraquara, 1973

SEGUE-ME! E ELE O SEGUIU...

"E Passando, viu Levi, filho de Alfeu e disse-lhe: — Segue-me. E, levantando-se, o seguiu."

— (Marcos, 2:14.)

É interessante notar que, por todos os recantos onde Jesus deixou o sinal de sua passagem, houve sempre grande movimentação no que se refere ao ato de levantar e seguir.

André e Tiago deixam as redes para acompanhar o Salvador. Mateus levanta-se para segui-lo. Os paralíticos que retomam a saúde se erguem e andam. Lázaro atende-lhe ao chamamento e levanta-se do sepulcro. Em dolorosas peregrinações e profundos esforços da vontade, Paulo de Tarso procura seguir o Mestre Divino, entre açoites e sofrimentos, depois de se haver levantado, às portas de Damasco. Numerosos discípulos do Evangelho, nos tempos apostólicos, acordaram de sua noite de ilusões terrestres, ergueram-se para o serviço da redenção e demandaram os testemunhos santificados no trabalho e no sacrifício.



Isso constitui um acervo de lições muito claras ao espírito religioso dos últimos tempos.

A maioria dos cristãos vai adotando, em quase todos os seus trabalhos, a lei do menor esforço. Muitos esperam pela visita pessoal de Jesus, no conforto das poltronas acolhedoras; outros fazem preces, por intermédio dos discos. Há os que desejam comprar a tranquilidade celeste com as esportulas generosas, como também os que, sem nenhum trabalho em si próprios, aguardam intervenções sobrenaturais dos mensageiros do Cristo pelo bem-estar de sua vida.

Pergunta a ti mesmo se estás seguindo a Jesus, ou apenas às normas do culto externo do teu modo de filiação ao Evangelho. Isso é muito importante, porque levantar e renovar-se ainda é o nosso lema.



SINAL DE AMOR

"E saíram os fariseus e começaram a disputar com ele, pedindo-lhe, para o tentarem, um sinal do céu."

(João, 8:11).

No Espiritismo cristão, de quando a quando aparecem aprendizes do Evangelho, sumamente interessados em atender a certas solicitações, no capítulo dos fenômenos psíquicos.

Buscam sinais tangíveis, incontestáveis. Mas, na maioria das vezes, o movimento não passa de repetição do gesto dos fariseus antigos. Médiums e companheiros outros não se precatam de que os pedidos de demonstrações do céu são formulados por tentação. Há ilações lógicas no assunto, que cabe não desprezar.

Se um espírito permanece encarnado na Terra, como poderá fornecer sinais de Júpiter? Se as solicitações dessa natureza endereçadas ao próprio Cristo foram consideradas como gênero de tentação ao Mestre, pelo Evangelho, com que direito poderão impô-las os discípulos novos



aos seus amigos do invisível? Ao contrário disto, os aprendizes fieis devem estar preparados ao fornecimento de demonstrações da Terra. É justo que o cristão não possa projetar uma tela mágica sobre as nuvens errantes, mas pode revelar como exerce o ministério da fraternidade no mundo. Nunca desdobrará a paisagem total onde se movimentam os seres invisíveis, mas está habilitado a prestar colaboração no esclarecimento dos homens do porvir.

Quem solicite sinais do céu pode ser ignorante e portador de má fé; entretanto, os que tentem satisfazê-los andam muito distraídos do que aprenderam com o Cristo. Se te requisitam demonstrações estranhas, podes replicar, com segurança, que não estás designado à produção de maravilhas e explicar a teu irmão, que permaneces determinado a aprender com o Mestre, a fim de ofereceres à Terra o teu sinal de amor e luz, firme na fé, por não sucumbires às tentações.



RESISTÊNCIA ESPIRITUAL

*“Era perto da meia noite;
Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus e os outros presos os escutavam”.*

(Atos, 16:25.)

Reveste-se de profundo simbolismo aquela atitude de Paulo e Silas nas trevas da prisão. Quando numerosos encarcerados ali permaneciam sem esperança, eis que os herdeiros de Jesus, embora dilacerados de açoites, começam a orar, entoando hinos de confiança.

O mundo atual, na esteira de transições angustiosas e amargas, não parece mergulhado nas sombras que precedem a meia noite?

Conhecimentos generosos permanecem eclipsados. Noções de justiça e direito, programas de paz e tratados de assistência mútua são relegados a planos de esquecimento. Animais furiosos aproveitam a treva para se evadirem dos recônditos escaninhos da alma humana, onde permaneciam guardados pela cobertura da civilização, e tentam dominar as



criaturas empregando o terror, a perseguição, a violência.

Quantos homens jazem no cárcere das decepções, da amargura, do remorso, do crime? Através de caminhos desolados ao longo de campos que as bombas devastaram, dentro de sombras frias, há mães que choram, velhos desalentados, crianças perdidas.

Quem poderá contar as angústias da noite dolorosa? Os aprendizes do Evangelho, igualmente, sofrem perseguições e calúnias e, em quase toda parte, são conduzidos a testemunhos ásperos. Muitos envolveram-se nas nuvens pesadas, outros esconderam-se fugindo à hora de sofrimentos; mas, os discípulos fiéis, esses suportam ainda açoites e pedradas e, não obstante as trevas insondáveis da meia noite da civilização, oram nos santuários do espírito eterno e cantam cânticos de esperança, alentando os companheiros.

Enquanto raras almas sabem perceber os primeiros rubores da alvorada, em virtude da sombra extensa, recordemos os devotados obreiros do Mestre e busquemos na prece ativa o refúgio consolador. Se o mundo experimenta a tempestade, procuremos a oração e o trabalho, a fé e o otimismo, porque outro dia glorioso está a nascer, e em Jesus Cristo repousa nossa resistência espiritual.



CAMINHOS CRUZADOS

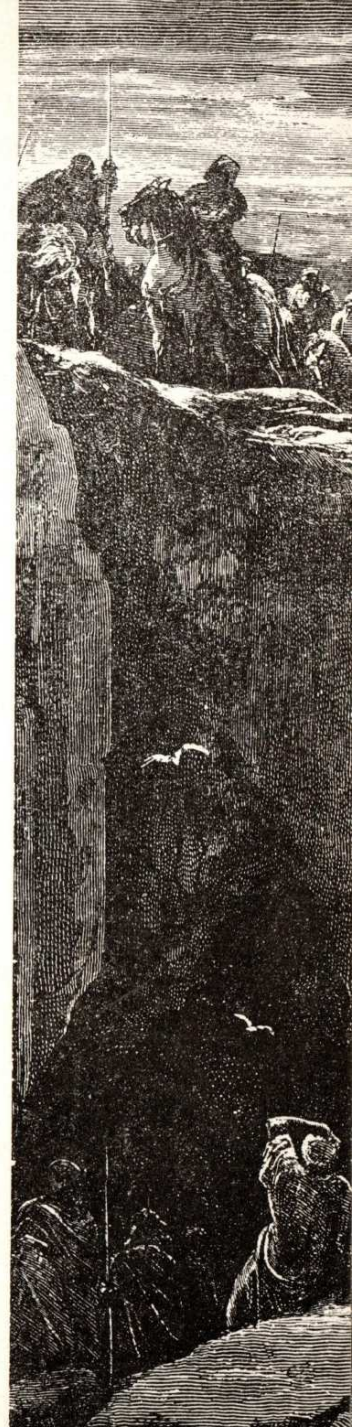
"Sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências."

(II Pedro, 3:3).

De todos os elementos que tentam perturbar as obras divinas, os escarnecedores são os mais dignos de piedade fraternal. É que são enfermos pouco suscetíveis de medicação, em vista de serem profundamente ignorantes ou profundamente perversos.

O escarnecedor costuma aproximar-se dos trabalhadores fiéis das idéias novas, exigindo-lhes provas concludentes das afirmações espirituais que lhes constituem a divina base do trabalho no mundo.

É interessante, porém, observar que pedem tudo, sem se disporem a dar coisa alguma. Querem provas da verdade; contudo, não abandonam as cavernas mentais em que vivem usualmente, nem mesmo para vê-las. Querem demonstrações espirituais, agarrados, à maneira de vermes, aos



fenômenos materiais. Os infelizes não percebem que se emparedaram no desconhecimento da vida, ou no egoísmo, que lhes agrava os instintos perversos. E tocam a rir nos caminhos do mundo, copiando os histriões da irresponsabilidade e da indiferença. Zombam de todas as reflexões sérias, mofam de todos os ideais do bem e da luz... Movimentam nobres patrimônios intelectuais, no esforço de destruir e, por vezes, conseguem cavar fundo abismo onde se encontram.

Os aprendizes sinceros do Evangelho devem, todavia, saber que semelhantes desviados andarão na Terra, segundo as próprias concupiscências. São folhas conscientes do mal que só a Misericórdia Divina poderá transformar, ao sublime sopro de suas renovações. É preciso não perder tempo com essa classe de perturbadores renitentes, nas atividades do bem. São expoentes do escárneo, condenados a receber as conseqüências dele. Por si mesmos, já são bastante desventurados.

Se, algum dia, cruzaram-te o caminho, suporta-os com paciência e entrega-os a Deus.



CONTRA O PERIGO

"E digo-vos que todo aquele que me confessar, diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará, diante dos anjos de Deus."

— Jesus. (Lucas, 12:8.)

Muitos companheiros de labor evangélico supõem que confessar o Mestre se resume tão somente numa profissão de fé, por intermédio das palavras. Para a demonstração de que aderimos, sinceramente, a Jesus bastará subir a uma tribuna ou discutir, acaloradamente, com alguns amigos que ainda não nos conseguem compreender? Semelhante confissão tem sido o objetivo da maioria dos discípulos, através dos tempos; mas, essa atitude desassombrada é uma das faces da realização, sem constituir, entretanto, o seu precioso conjunto. Confessar o Cristo, diante dos homens, é revelar-lhe a luz e o poder, em ações de amor e desprendimento, que os homens vulgares ainda não conhecem. Não será instituir convicções apressadas nos outros, mas pautar a vida em plano diferente e



superior, de sorte que os espíritos mais frágeis ou levianos possam encontrar, junto de nossa alma, algo de mais elevado, que não sentem noutros lugares e situações do mundo.

Não é fácil confessar a Jesus entre as comunidades terrestres, quando sabemos que ele próprio foi por elas conduzido à cruz do martírio; mas, é dessa confissão que a sua palavra persuasiva nos fala no Evangelho da Verdade e do Amor.

É preciso se precate o discípulo contra o perigo de uma adesão verbal, sem a participação de suas energias interiores.

O Senhor deseja ser confessado pelos seus continuadores nas estradas do mundo; mas, esse ato não se pratica apenas por palavras e sim por todas as demonstrações vivas do coração.



FILHOS DE DEUS

"Na vossa paciência, possuí as vossas almas". — Jesus.

(Lucas, 21:19).

Afinal de contas, ter paciência não será sorrir para as maldades humanas, nem coonestar suas atividades indignas, sobre a face do mundo.

Concordar alguém com todos os males da senda terrestre, a pretexto de revelar essa virtude, seria um contrassenso absurdo.

Ter paciência, então, será resistir aos impulsos inferiores que nos cerquem na estrada evolutiva, conduzindo todo o bem que nos seja possível aos seres e coisas que se achem diante de nós, como a representação desses mesmos impulsos.

Jesus foi o modelo da paciência suprema e resistiu à nossa inferioridade, amando-nos. Não se nivelou com as nossas fraquezas, mas valeu-se de todas as ocasiões para nos melhorar e conduzir ao bem. Sua



misericórdia tomou os nossos pecados e transformou cada um em profunda lição para a reforma de nós mesmos. Não aplaudiu as nossas misérias, nem sorriu para os nossos erros, mas compreendeu-nos as dificuldades e amparou-nos. Embora tudo isso, resistiu-nos sempre, dentro de seu amor, até a cruz do martírio.

A paciência do Cristo é um livro aberto para todos os corações inclinados ao bem e à verdade.

Somente pela sincera resistência ao mal, com a disposição fiel de transformá-lo no bem, conseguireis possuir as vossas almas. Ao contrário disso, ainda que vos sintais autônomos e fortes, vós mesmos é que sereis possuídos por tendências indignas ou sentimentos inferiores.

Portanto, justo é que busqueis saber, hoje mesmo, se já possuis os vossos corações, ou se estais ocupados pelas forças estranhas ao vosso título de filho de Deus.



OBEDIÊNCIA JUSTA

"Que, sendo em forma de Deus não teve por usurpação ser igual a Deus." — Paulo.

(Filipenses, 2:6).

Todos os sofrimentos dos homens, de modo geral, originam-se da pretensão de usurpar o Divino Poder.

Orgulho, vaidade, insensatez, egoísmo, perversidade, rebeldia e opressão representam apenas modalidades variadas dessa usurpação indebita. A guerra e o seu séquito pestilencial, a tirania e o instinto revolucionário, as paixões arrasadoras e os desastres espirituais que lhes são conseqüentes, constituem-lhe as obras.

Na vastíssima paisagem de nossas existências, vemos sempre a Misericórdia Divina e a maldade humana, a Bondade Celestial e a desobediência das criaturas... Sempre, o Pai Generoso e os filhos imprevidentes, o Deus Justo e as inteligências caídas e perversas... Doloroso quadro... Em tudo, no planeta, a harmo-



nia das leis do Senhor e a discórdia dos homens, a bênção providencial do céu e a rebeldia terrestre...

Por isso mesmo, a Humanidade, como aranha gigantesca encontra-se no milenário labirinto, encarcerada na teia criminosa de suas próprias ações.

O coração do discípulo fiel do Evangelho, nos dias que passam, deve revestir-se com a vigorosa couraça da fé viva, porquanto é chamado a trabalhar numa floresta escura, onde a maldade se tornou mais requintada e a sombra mais densa. E que guarde, sobretudo, a serenidade confiante do trabalhador, compreendendo a necessidade dos testemunhos e sacrifícios para todos, porque, para o aprendiz sincero deve resplandecer o ensinamento d'Aquele, que tendo vindo ao mundo através de anúncios divinos, assinalado por uma estrela brilhante, temido pelas autoridades de seu tempo, que transformou pescadores em apóstolos, que curou leprosos e cegos, e levantou paralíticos de nascença, não quis usurpar o Direito Divino e marchou, um dia, para o monte, a fim de testemunhar a obediência justa ao Senhor Supremo da Vida, no alto de uma cruz, ante o desprezo e ironia de todos.



NÃO PEQUES MAIS!

*"Vai e não peques mais".
Jesus".*

(João, 8:11)

A semente valiosa que não ajudas, pode perder-se.

A árvore tenra que não proteges, permanece exposta à destruição.

A fonte que não amparas, costuma secar-se.

A água que não distribuis, forma pântanos.

O fruto não aproveitado, apodrece.

A terra boa que não defendes, é asfixiada pela erva inútil.

A enxada que não utilizas, cria ferrugem.

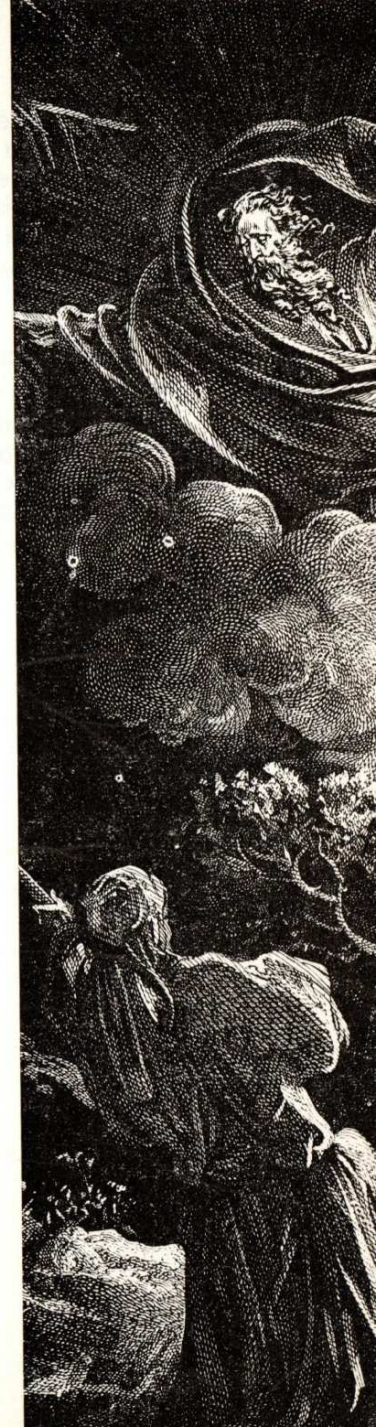
As flores que não cultivas, nem sempre se repetem.

O amigo que não conservas, foge do teu caminho.

A medicação que não respeitas, na dosagem e na oportunidade que lhe dizem respeito, não te beneficia o campo orgânico.

Assim também é a graça Divina.

Se não guardas o favor do alto, respeitando-o em ti mesmo, se não



usas os conhecimentos elevados que recebes em benefício da própria felicidade, se não prezas a contribuição que te vem de cima, não te vale a dedicação dos mensageiros espirituais. Debalde improvisarão eles milagres de amor e paciência, na solução de teus problemas, porque, sem a adesão de tua vontade ao programa regenerativo, todas as medidas salvadoras resultarão imprestáveis.

“Vai e não peques mais”.

O ensinamento de Jesus é suficiente e expressivo.

O Médico Divino proporciona a cura, mas se não a conservamos, dentro de nós, ninguém poderá prever a extensão e as conseqüências de novos desequilíbrios que nos aviltarão a invigilância.



A CURA PRÓPRIA

“Pregando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades”.

— (Mateus, 9:35.)

Cura a catarata e a conjuntivite, mas corrige a visão espiritual de teus olhos.

Defende-te contra a surdez; entretanto, retifica o teu modo de registrar as vozes e solicitações variadas que te procuram.

Medica a arritmia e a dispnéia; contudo, não entregues o coração à impulsividade arrasadora.

Combate a neurastenia e o esgotamento; no entanto, cuida de reajustar as emoções e tendências.

Persegue a gastralgia, mas educa teus apetites à mesa.

Melhora as condições do sangue; todavia, não o sobrecarregues com os resíduos de prazeres inferiores.

Guerreia a hepatite; entretanto, livra o fígado dos excessos em que te comprazes.



Remove os perigos da uremia; contudo, não sufoques os rins com venenos de taças brilhantes.

Desloca o reumatismo dos membros, reparando, porém, o que fazes com teus pés, braços e mãos.

Sana os desacertos cerebrais que te ameaçam; todavia, aprende a guardar a mente no idealismo superior e nos atos nobres.

Consagra-te à própria cura, mas não esqueças a pregação do Reino Divino aos teus órgãos.

Eles são vivos e educáveis. Sem que teu pensamento se purifique e sem que a tua vontade comande o barco do organismo para o bem, a intervenção dos remédios humanos não passará de medida em trânsito para a inutilidade.



O BEM QUE NÃO FOI FEITO...

"Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? porventura, a fé pode salvá-lo?"

(Tiago, 2:14).

Estranha a norma do homem, quando julga possuir as chaves da Vida Superior, simplesmente por manter a fé, como se bastasse apenas convicção para que se realize serviço determinado.

Comparemos fé e obras com a planta e as construções.

Sem plano adequado, não se erigue edifício em linhas corretas.

Note-se, porém, que o aleijão arquitetônico, improvisado sem plano, ainda serve, em qualquer parte, para albergar os que jornadaem sem rumo, e o projeto mais nobre, sem concretização que lhe corresponda, não passa de preciosidade geométrica, sentenciada ao arquivo.

Um viajante transportará consigo vasta coleção de croquis pelos quais se levantará toda uma cidade, mas, se não dispõe de uma tenda a



que se abrigue durante o aguaceiro, decerto que os desenhos, conquanto respeitáveis, não impedirão que a chuva lhe encharque os ossos.

Possuir uma fé será reter uma crença religiosa; no entanto, cultivar a fé significa observar segurança e pontualidade, na execução de um compromisso.

Ninguém resgata uma dívida unicamente por louvar o credor.

À vista disso, não nos iludamos.

Asseguremo-nos de que não nos faltará a Bondade Divina, mas construamos em nós a humana bondade.

Por muito alta a confiança de alguém no Poder Maior do Universo, isso, por si só, não lhe confere o direito de reclamar o bem que não fez.



ONDE O REPOUSO?

*"E Jesus, estendendo as
mãos, tocou-o, dizendo:
"quero, se limpo..."*

(Mateus, 8:3.)

Mãos estendidas!...

Quando estiveres meditando e orando, recorda que todas as grandes idéias se derramaram, através dos braços, para concretizarem as boas obras.

Cidades que honram a civilização, indústrias que sustentam o povo, casa que alberga a família, gleba que produz, são garantidas pelo esforço das mãos.

Médicos despendem largo tempo em estudo para a conquista do título que lhes confere o direito de orientar o doente; no entanto, vivem estendendo as mãos no amparo aos enfermos.

Educadores mergulham vários lustros na corrente das letras, adquirindo a ciência de manejá-las; contudo, gastam longo trecho da existência, estendendo as mãos no trabalho da escrita.



Cada reencarnação de nosso espírito exige braços abertos do regaço maternal que nos acolhe.

Toda refeição, para surgir, pede braços em movimento.

Cultivemos a reflexão para que se nos acresce o ideal, sem largar o trabalho que não-lo realiza.

Jesus, embora pudesse representar-se por milhões de mensageiros, escolheu vir ele próprio até nós, colocando mãos no serviço, de preferência em direção aos menos felizes.

Pensemos nEle, o Senhor. E toda vez que nos sentirmos cansados, suspirando por repouso indébito, lembremo-nos de que as mãos do Cristo, após socorrer-nos e levantar-nos, longe de encontrarem apoio repousante, foram cravadas no lenho de sacrifício, do qual, conquanto escarnecidas e espancadas, ainda se despediram de nós, entre a palavra do perdão e a serenidade da bênção.



SEM RUÍDOS

"Mas quando vier aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará em toda a verdade. — Jesus.

(João, 16:13)

O Caminho de toda a Verdade é Jesus Cristo. O Mestre veio ao mundo instalar essa verdade para que os homens fossem livres e organizou o programa dos cooperadores de seu divino trabalho, para que se preparasse convenientemente o caminho infinito. No fim da estrada, colocou a redenção e deu às criaturas o amor como guia.

Conforme sabemos, o guia é um só para todos. E vieram os homens para o serviço divino. Com os cooperadores vinham, porém, os gênios sombrios, que se ombreavam com eles nas cavernas da ignorância.

A religião, como expressão universalista do amor, que é o guia, pairou sempre pura, acima das misérias que chegaram ao grande campo; mas, este ficou repleto das absurdidades. O caminho foi quase obstruído.



A ambição exigiu impostos dos que desejavam passar, o orgulho reclamou a direção dos movimentos, a vaidade pediu espetáculos, a conveniência requisitou máscaras, a política inferior estabeleceu guerras, a separatividade provocou a hipnose do sectarismo.

O caminho ficou atulhado de obstáculos e sombras e o interessado, que é o espírito humano, encontra óbices infinitos para a passagem.

O quadro representa uma resposta a quantos perguntarem sobre os propósitos do Espiritismo cristão, sendo que o homem já conhece todos os deveres religiosos. Ele é aquele Espírito de Verdade que vem lutar contra os gênios sombrios que vieram das cavernas da ignorância e invadiram o campo do Cristo.

Mas, guerrear como? Jesus não pediu a morte de ninguém. Sim, o Espírito da Verdade vem como a luz que combate e vence as sombras, sem ruídos. Sua missão é transformar, iluminando o caminho, para que os homens vejam o amor, que constitui o guia único para todos, até à redenção.



AS FORÇAS DO AMANHÃ!

“Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?” — Paulo.

(II Coríntios, 5: 6).

Ninguém vive só.

Nossa alma é sempre núcleo de influência para os demais.

Nossos atos possuem linguagem positiva.

Nossas palavras atuam à distância.

Achamo-nos magneticamente associados uns aos outros.

Ações e reações caracterizam-nos a marcha.

É preciso saber, portanto, que espécie de forças projetamos naqueles que nos cercam.

Nossa conduta é um livro aberto.

Quantos de nossos gestos insignificantes alcançam o próximo, gerando inesperadas resoluções

Quantas frases, aparentemente inexpressivas, arrojadas de nossa boca, estabelecem grandes acontecimentos.



Cada dia, emitimos sugestões para o bem ou para o mal.

Dirigentes arrastam dirigidos.

Servos inspiram administradores.

Qual é o caminho que a nossa atitude está indicando?

Um pouco de fermento leveda a massa toda.

Não dispomos de recursos para analisar a extensão de nossa influência, mas podemos examinar-lhe a qualidade essencial.

Acautele-te, pois, com o alimento invisível que fornece às vidas que te rodeiam.

Desdobra-se-nos o destino em correntes de fluxo e refluxo. As forças que hoje se exteriorizam de nossa atividade, voltarão ao centro de nossa atividade, amanhã.



LUZ EM NOSSAS MÃOS!

"Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com aparências exteriores."

(Lucas, 17:20).

A Terra de hoje reúne povos de vanguarda na esfera da inteligência.

Cidades enormes são usadas, à feição de ninhos gigantesco de cimento e aço, por agrupamentos de milhões de pessoas.

A energia elétrica assegura a circulação da força necessária à manutenção do trabalho e do conforto doméstico.

A Ciência garante a higiene.

O automóvel ganha tempo e encurta distâncias.

A imprensa e a radiotelevisão interligam milhares de criaturas, num só instante, na mesma faixa de pensamento.

A escola abrilhanta o cérebro.

A técnica orienta a indústria.

Os institutos sociais patrocinam os assuntos de previdência e segurança.



O comércio, sabiamente dirigido, atende ao consumo com precisão.

Entretanto, estaremos diante de civilização impecável?

A frente desses empórios resplendentes de cultura e progresso material, recordemos a palavra dos instrutores de Allan Kardec, nas bases da Codificação do Espiritismo.

Perguntando a eles “por que indícios se pode reconhecer uma civilização completa”, através da Questão número 793, constante de “O Livro dos Espíritos”, deles recolheu a seguinte resposta:

“Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral. Credes que estais muito adiantados, porque tendes feito grandes descobertas e obtido maravilhosas invenções; porque vos alojais e vestis melhor do que os selvagens. Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houverdes banido os vícios que a desonram e quando viverdes, como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que não percorrido a primeira fase da civilização.”

Espíritas, irmãos! Rememoremos a advertência do Cristo, quando nos afirma que o reino de Deus não vem até nós com aparências exteriores; para edificá-lo, não nos esqueçamos de que a Doutrina Espírita é luz em nossas mãos. Reflitamos nisso.



ESTA NOITE!...

“Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?”.
Jesus.

(Lucas, 12:20).

Não basta ajuntar valores materiais para a garantia da felicidade.

A supercultura consegue atualmente na Terra feitos prodigiosos em todos os reinos da Natureza física, desde o controle das forças atômicas às realizações da astronáutica. No entanto, entre os povos mais adiantados do Planeta, avançam duas calamidades morais do materialismo corrompendo-lhe as forças: o suicídio e a loucura, ou, mais propriamente, a anquístia e a obsessão.

É que o homem não se aprovisiona de reservas espirituais à custa de máquinas. Para suportar os atritos necessários à evolução e aos conflitos resultantes da luta regenerativa, precisa alimentar-se com recursos da alma e apoiar-se neles.

Nesse sentido, vale recordar o sensato comentário de Allan Kardec,



no item 14, do Capítulo V, de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", sob a epígrafe "O Suicídio e a Loucura":

"A calma e a resignação hauridas da maneira de considerar a vida terrestre e da confiança no futuro, dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se devem à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem a coragem de suportar. Ora, se encarando as coisas deste mundo da maneira por que o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os revezes e as decepções que o houverem desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, o conturbariam."

Espíritas, amigos! Atendamos à caridade que suprime a penúria do corpo, mas não menosprezemos o socorro às necessidades da alma! Divulguemos a luz da Doutrina Espírita! Auxiliemos o próximo a discernir e pensar.



FAZER LUZ

"Acolhei o que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões". — Paulo.

(Romanos, 14:1.)

Indubitavelmente, nem sempre a fé acompanha a expansão da cultura, tanto quanto nem sempre a cultura consegue alçar-se ao nível da fé.

Um cérebro vigoroso pode elevar-se a prodígios de cálculo ou destacar-se nos mais entranhados campos da emoção, portas a dentro dos valores artísticos, sem entender bagatela de resistência moral diante da tentação ou do sofrimento. De análogo modo, um coração fervoroso é suscetível das mais nobres demonstrações de heroísmo perante a dor ou da mais alta reação contra o mal, patenteando manifesta incapacidade para aceitar os imperativos da perquirição ou dos requisitos do progresso.

A Ciência investiga.

A Religião crê.

Se não é justo que a Ciência im-



ponha diretrizes à Religião, incompatíveis com as suas necessidades do sentimento, não é razoável que a Religião obrigue a Ciência à adoção de normas inconciliáveis com as suas exigências do raciocínio.

Equilíbrio ser-nos-á o clima de entendimento, em todos os assuntos que se relacionem à Fé e à Cultura, ou estaremos sempre ameaçados pelo deserto da descrença ou pelo charco do fanatismo.

Auxiliemo-nos mutuamente.

Na sementeira da fé, aprendamos a ouvir com serenidade para falar com acerto.

Diz o Apóstolo Paulo: "Acolhei o que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões". É que para chegar à cultura, filha do trabalho e da verdade, o homem é naturalmente compelido a indagar, examinar, experimentar, e teorizar, mas, para atingir a fé viva, filha da compreensão e do amor, é forçoso servir. E servir é fazer luz.



ALGUÉM DEVE PLANTAR!

*"Eu plantei, Apolo regou,
mas o crescimento veio de
Deus." — Paulo.*

(I Coríntios, 3:6).

Nada de personalismo dissolvente na lavoura do espírito.

Qual ocorre em qualquer campo terrestre, cultivador algum, na gleba da alma, pode jactar-se de tudo fazer nos domínios da sementeira ou da colheita.

Após o esforço de quem planta, há quem siga o vegetal nascente, quem o auxilie, quem o corrija, quem o proteja.

Pensando, porém, no impositivo da descentralização, no serviço espiritual, muitos companheiros fogem à iniciativa nas construções de ordem moral que nos competem. Muitos deles, convidados a compromissos edificantes, nesse ou naquele setor de trabalho, afirmam-se inaptos para a tarefa, como se nunca devêssemos iniciar o aprendizado do aprimoramento íntimo, enquanto que outros



asseveram, quase sempre com ironia, que não nasceram para líderes. Os que assim procedem costumam relegar para Deus mezinhas obrigações no que tange à elevação, progresso, acrisolamento, ou melhoria, mas as leis do Criador não isentam a criatura do dever de colaborar na edificação do bem e da verdade, em favor de si mesma.

Vejamos a palavra do Apóstolo Paulo, quando já conhecia os problemas do auto-aperfeiçoamento, em nos referindo à evangelização: "Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus".

A necessidade do devotamento individual à causa da Verdade transparece, clara, de semelhante conceituação.

Sabemos que a essência de toda atividade, numa lavoura agrícola, procede, originariamente, da Providência Divina. De Deus vem a semente, o solo, o clima, a seiva e a orientação para o desenvolvimento da árvore, como também dimanam de Deus a inteligência, a saúde, a coragem e o discernimento do cultivador, mas somos obrigados a reconhecer que alguém deve plantar.

O PROVEITO DE TODOS

"A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso".

— Paulo.

(Coríntios, 12:7).

Cada individualidade encontra na reencarnação um quadro de valores potenciais de trabalho, análogos àqueles que a pessoa recebe quando é favorecida por um cargo determinado.

Assim como o obreiro é indicado para integrar a tabela nominativa de certa repartição, com atribuições específicas, também nós, quando nos dirigimos para a esfera física, recolhemos semelhante designação; somos como que nomeados para servir em determinado setor de atividade e, conseqüentemente, colocados na equipe de familiares e companheiros que nos possibilitam a execução da tarefa. Mas, se a obtenção do cargo resulta de concessão ou de ordem do Plano Superior, o aproveitamento do encargo depende do interessado em desenvolver ou consolidar os



próprios méritos. À face disso, precisamos considerar que todos nós possuímos o talento da capacidade para investir na edificação do bem, onde estivermos.

Ninguém está órfão de oportunidade.

Em toda parte, há serviço que prestar e o melhor que fazer.

Observa em torno de ti e ouvirás múltiplos chamamentos à obra do progresso geral.

Ninguém está privado do ensejo de auxiliar o próximo, elevar, consolar, instruir, renovar.

Não te detenhas.

O amparo do Senhor é concedido a cada ser humano, visando ao proveito de todos.

Considera a indicação que recebeste para servir, segundo as possibilidades que te enriquecem o coração e as mãos.

O cargo vem à nossa esfera de ação, por efeito da Providência Divina, mas a valorização do encargo parte de nós.



FUNDO DE SERVIÇO

"... Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza, porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui". — Jesus.

(Lucas, 12:15).

Freqüentemente, quando nos referimos à prosperidade, recordamos, de imediato, posses e haveres de expressão material, e reconstituímos na lembrança a imagem dos nossos amigos que carregam compromissos com a fortuna terrestre, como se eles fossem os únicos responsáveis pelo equilíbrio do mundo. Entretanto, assim agindo, escorregamos inconscientemente para a fuga de nossos próprios deveres, sem que isso nos isente das obrigações assumidas.

Simbolicamente, todos retemos capitais a movimentar, de vez que, em cada estância regeneradora ou evolutiva em que nos encontremos, somos acompanhados por valiosos créditos de tempo, através dos quais a Divina Providência nos considera



iguais pela necessidade e, simultaneamente, nos diferencia uns dos outros pela aplicação individual que fazemos deles.

Somos todos, desse modo, convocados não apenas a empregar dinheiro, mas também saúde, condição, profissão, habilidade, entendimento, cultura, relações e possibilidades outras de que sejamos detentores, em favor dos outros, porquanto pelas nossas próprias ações somos valorizados ou depreciados, enriquecidos ou podados em nossos recursos pela Contabilidade da Eterna Justiça.

Permaneçamos, assim, atentos às menores oportunidades de ajudar que se nos ofereçam, na experiência cotidiana, aproveitando-as, quanto possível, porque, se as nossas reservas de tempo estão sendo realmente depositadas no Fundo de Serviço ao Próximo, no Banco da Vida, a Carteira do Suprimento Espontâneo nos enviará, estejamos onde estivermos, os dividendos de auxílio e felicidade a que tenhamos direito, sem que haja, de nossa parte, nem mesmo a preocupação de sacar.



O PONTO CERTO

Por isso também os que sofrem, segundo a vontade de Deus, encomendam as suas almas ao fiel Criador, na prática do bem." — Pedro.

(I Pedro, 4:19.)

Basta que o sofrimento nos alcance de leve e sentimo-nos para logo necessitados da Assistência Divina.

Ainda quando filosofias negativas nos tenham desfigurado o raciocínio ou a palavra, se o perigo nos ameaça, secreta intuição nos afirma que Deus zela por nós e para Deus nos voltamos de imediato.

Enquanto isso ocorre, vale pensar na forma aconselhável e justa de nos encomendarmos ao Criador.

Decerto que muitas maneiras existem de preparar semelhante ato de confiança, tais como a oração que sublima e o estudo que esclarece, o trabalho que realiza e o entendimento que reconforta; entretanto, o modo único de nos dirigirmos corretamente ao Pai que está nos Céus, é aquele da prática do bem.



Não nos iludamos. Mais dia, menos dia, todos sofrem. Há, contudo, quem sofra com revolta, com desânimo, com desespero, com rebeldia, perdendo o valor da prova em que se vê. Convençamo-nos, assim, sejam quais forem as circunstâncias em que nos achemos, que o processo exato de nos encomendar-mos à Providência Divina será, na essência, auxiliar, abençoar, desculpar e servir, sempre e sempre, em toda parte, porquanto o serviço ao próximo é o ponto certo de nossa ligação com Deus.



BENÇÃO DE SOL

“... Nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, nos perturbe e, por meio dela, muitos sejam contaminados”. — Paulo.

(Hebreus, 12:15).

É razoável estejamos sempre cautelosos a fim de não estendermos o mal ao caminho alheio. Os outros colhem os frutos de nossas ações e oferecem-nos, de volta, as reações conseqüentes.

Daí, o cuidado instintivo em não ferirmos a própria consciência, seja policiando atitudes ou selecionando palavras, para que vivamos em paz à frente dos semelhantes, assegurando tranquilidade a nós mesmos.

Em muitas circunstâncias, contudo, não nos imunizamos contra os agentes tóxicos da queixa. Superestimamos nossos problemas, supomos nossas dores maiores e mais complexas que as dos vizinhos e, amimalhando o próprio egoísmo, cultivamos indesejável raiz de amargura no solo do coração. Daí brotam espinheiros mentais, suscetíveis de gol-



pear quantos renteiam conosco, na atividade cotidiana, envenenando-lhes a vida.

Quantas sugestões infelizes teremos coagulado no cérebro dos entes amados, predispondo-os à enfermidade ou à deliquência com as nossas frases irrefletidas! Quantos gestos lamentáveis terão vindo à luz, arrancados da sombra por nossas observações vinagrosas.

Precatemo-nos contra semelhantes calamidades que se nos instalam nas tarefas do dia-a-dia, quase sempre sem que venhamos a perceber. Esqueçamos ofensas, discórdias, angústias e trevas, para que a raiz da amargura não encontre clima propício no campo em que atuamos.

Todos necessitamos de felicidade e paz; entretanto, felicidade e paz solicitam amor e renovação, tanto quanto o progresso e a vida pedem trabalho harmonioso e bênção de Sol.



O AMOR PURO

"Consideremo-nos também uns aos outros para nos estimularmos ao amor e às boas obras". — Paulo.

(Hebreus, 10:24).

Algumas vezes somos constrangidos a examinar as diretrizes dos nossos companheiros de experiência, nas horas em que se mostram em atitude menos edificante.

Vimos determinados amigos em lances perigosos do caminho, até ontem. E até ontem terão eles:

- entrado em negócios escusos;
- caídos em lastimáveis enganos;
- perpetrado delitos;
- descido a precipícios da sombra;

- causado prejuízo a outrem, lesando a si mesmos;

- fugido a deveres respeitáveis;
- desprezado valiosas oportunidades no erguimento do bem;

- renegado a fé que lhes servia de âncora;

- adotado companhias que lhes danificaram a existência;



abraçado a irresponsabilidade por norma de ação. Momentos existem nos quais é impossível desconhecer as nossas falhas; entretanto, tenhamos a devida prudência de situar o mal no passado.

Teremos tido comportamento menos feliz até ontem. Hoje, porém, é novo dia.

Auxiliemo-nos reciprocamente, acendendo luz que nos dissipe a sombra. Padronizemos o sentimento em ponto alto, pensemos com a força abençoada do otimismo, falemos para o bem e realizemos o melhor ao nosso alcance, no terreno da ação.

Recordemos o ensinamento do apóstolo, considerando-nos uns aos outros não em sentido negativo, e sim com a fraternidade operante, para que tenhamos o necessário estímulo à prática do amor puro, superando as nossas próprias fraquezas, em caminho para a Vida Maior.



RECURSOS E CAMINHOS

"E esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve."

(João, 5:14).

Exporemos em prece ao Senhor os nossos obstáculos, pedindo as providências que se nos façam necessárias à paz e à execução dos encargos que a vida nos delegou; entretanto, suplicaremos também a ele nos ilumine o entendimento, para que lhe saibamos receber dignamente as decisões.

Não nos esqueceremos de que a nossa capacidade visual abrange, mais ou menos, unicamente o curto espaço dos sessenta segundos de um minuto, enquanto que o Senhor, que nos acompanhou as numerosas existências passadas — existências que conservas, agora, na Terra, temporariamente esquecidas —, nos conhece o montante das necessidades de hoje e amanhã.

Tenhamos suficiente gratidão para não suprimir-lhe a bênção.



A Providência Divina possui os recursos e caminhos que lhe são próprios para alcançar-nos.

Quando encarnados no plano físico, se na posição de enfermos, costumamos implorar do Céu a dádiva da saúde corpórea, na expectativa de obter um milagre e, às vezes, o Céu nos responde com a imposição de um bisturi, que nos rasgue as entranhas, de maneira a reconstituir-nos o equilíbrio orgânico.

Simbolicamente, ocorrem circunstâncias idênticas no quadro espiritual de nossa vida cotidiana. Rogamos a Deus a presença da felicidade em nossos dias, segundo a concepção com que a imaginamos, mas somos, via de regra, portadores de certos defeitos, que nos impediriam acolhê-la, sem agravar as próprias dívidas, e Deus, em muitos casos, nos envia primeiramente o espinho da provação, que nos faculta a experiência precisa para recebê-la em momento oportuno, como determina o recurso operatório para o corpo doente, antes que se lhe restaure a saúde.

Oraremos, sim; no entanto, é imperioso, em matéria de petição, rogar isso ou aquilo ao Senhor, sempre de acordo com a Sua Vontade, porque a vontade do Senhor inclui, invariavelmente, a harmonia e a felicidade de nossa vida.



CONFIAREMOS

"E se sabemos que ele nos ouve, quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito." — João.

(1 João, 5:15).

Em nos dirigindo ao Senhor, rogando alguma concessão, condicionemo-nos ao Critério Divino.

Digamos no íntimo do ser:

"Se julgardes Senhor, que isso nos ajudará a ser melhores para os nossos irmãos, em louvor dos vossos desígnios..."

"Se considerardes que assim poderemos ser mais úteis em vossa obra..."

E façamos dentro de nós o silêncio preciso, emudecendo qualquer indisciplina mental.

Sintonizemos o coração em ponto certo, ou, melhor, liguemos o pensamento para a Infinita Sabedoria, tendo o cuidado imprescindível para que a estática de nossas paixões e sensações não interfira com a recepção da bênção que nos advirá da Divina Bondade.



Oremos, unindo-nos aos planos do Senhor, sem exigir que os planos do Senhor, se submetam aos nossos, e aprenderemos a ver e a aceitar o que seja melhor para nós, asserenando o coração.

Não gritarmos "eu quero..." mas afirmar, em nossa condição de espíritos imperfeitos: "se posso querer..."

Em qualquer setor de organização humana, o benefício solicitado se divide em duas fases essenciais — o pedido e a solução.

Forçoso, porém, reconhecer que, se todo pedido é livre, qualquer solução exige exame.

Empregadores não atendem às requisições dos subordinados, sem analisar-lhes a ficha de mérito, sob pena de prejudicarem a máquina administrativa. Professores não satisfarão exigências de alunos, sem, antes, lhes observar o aproveitamento, se não querem perturbar as funções educativas da escola.

É lícito rogar ao Senhor tudo aquilo de que careçamos e até mesmo tudo quanto quisermos, porquanto, na maioria das ocasiões não passamos de crianças caprichosas, mas saibamos implorar dele a compreensão necessária para recebermos as respostas do Alto, sem prejuízo para a harmonia da vida, porque, se sabemos o meio exato e amplo de pedir, somente Deus — pelos Mensageiros Divinos que o representam, junto de nós — sabe, em nosso favor, como, onde e quando nos atender.



PROBLEMAS DO AMOR

"Para que aproveis as coisas que são excelentes, para que sejais sinceros e sem escândalo algum". — Paulo.

(Filipenses 1:10)

O amor é a força divina do Universo.

É imprescindível, porém, muita vigilância para que não o desviemos na justa aplicação.

Quando um homem se devota, de maneira absoluta, aos seus cofres perecíveis, essa energia, no coração dele, denomina-se "avareza"; quando se atormenta, de modo exclusivo, pela defesa do que possui, julgando-se o centro da vida, no lugar em que se encontra, essa mesma força se converte nele em "egoísmo"; quando só vê motivos para louvar o que representa, o que sente e o que faz, com manifesto desrespeito pelos valores alheios, o sentimento que predomina em sua órbita chama-se "inveja".

O ódio é, comumente, o amor envenenado de ontem.



O ciúme é o amor vestido de espinhos dilacerantes.

A soberba é o amor desvairado a si próprio.

Paulo, escrevendo à amorosa comunidade filipense, formula indicação de elevado alcance. Assegura que "o amor deve crescer, cada vez mais, no conhecimento e no discernimento, a fim de que o aprendiz possa provar as coisas que são excelentes".

Instruamo-nos, pois, para conhecer.

Eduquemo-nos para discernir.

Cultura intelectual e aprimoramento moral são imperativos da vida possibilitando-nos a manifestação do amor, no império da sublimação que o aproxima de Deus.

Atendamos ao conselho apostólico e cresçamos em valores espirituais para a eternidade, porque, muitas vezes, o nosso amor é simplesmente querer, e tão somente com o "querer" é possível desfigurar, impensadamente, os mais belos quadros da vida.



VIVER EM PAZ

"...Vivei em paz..." — Paulo.

(Gálatas, 13:11)

Mantém-te em paz.

É provável que os outros te guerreiem, gratuitamente, hostilizando-te a maneira de viver, entretanto, podes avançar em teu roteiro, sem guerrear a ninguém.

Para isso, contudo — para que a tranqüilidade te banhe o pensamento —, é necessário que a compaixão e a bondade te sigam todos os passos.

Assume contigo mesmo o compromisso de evitar a exasperação.

Junto da serenidade, poderás analisar cada acontecimento e cada pessoa no lugar e na posição que lhes digam respeito.

Repara, carinhosamente, os que te procuram o caminho...

Todos os que surgem, aflitos ou desesperados, coléricos ou desabridos, trazem chagas ou ilusões. Pri-



sioneiros da vaidade ou da ignorância, não souberam tolerar a luz da verdade e clamam irritadiços... Unge-te de piedade e penetra-lhes os recessos do ser e identificarás em todos eles crianças espirituais, que se sentem ultrajadas ou contundidas.

Uns acusam, outros choram.

Ajuda-os, enquanto podes.

Pacificando-lhes a alma, harmonizarás, ainda mais, a própria vida.

Aprendamos a compreender cada mente em seu problema.

Recorda-te que a Natureza, sempre divina em seus fundamentos, respeita a lei do equilíbrio e conserva-a sem cessar.

Ainda mesmo quando os homens se mostram desvairados, nos conflitos abertos, a terra é sempre firme e o Sol fulgura sempre.

Viver de qualquer modo é de todos, mas viver em paz consigo próprio é serviço de poucos.



A SABEDORIA DO ALTO

"Mas a sabedoria que vem do Alto é pura, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia."

(Tiago, 3:17)

Se o conhecimento da fé gerou veneno para a tua palavra, a desvairar-se em ataques e críticas, a pretexto de preservar a verdade, guarda contigo bastante cautela, porque não é com rixosas interpretações que te farás embaixador da Espiritualidade Sublime.

A inspiração da Vida Superior manifesta-se sem qualquer artifício. Quem fala, em nome do Senhor, não necessita de longos e complicados discursos.

É apaziguante e benevolente, sem qualquer recurso à força.

É moderado, sem inclinar-se ao desequilíbrio.

É compreensivo, sem alardear superioridade contundente.

É repleto de entendimento e carinho, frutificando em bênçãos de a-



legria e reconforto para os que se aproximem da fonte em que se exterioriza.

Não se apaixona, nem finge.

Compreende as criaturas, no plano em que cada uma se coloca, exerce a bondade, em todas as ocasiões, cultiva a paciência nos obstáculos e distribui o coração, entre a energia que constrói e a gentileza que estimula.

A sabedoria do Alto plasma os verdadeiros valores da educação.

Os orientadores do mundo satisfazem a inteligência e enriquecem o patrimônio intelectual.

Jesus Cristo, contudo, aprimora o sentimento.

A universidade ilustra o cérebro.

O Evangelho aperfeiçoa o coração.

Se desejas, pois, conservar contigo a riqueza espiritual que desce do Plano Superior, caminha, entre os homens, aplicando as lições de Jesus, no esforço de cada dia.



OS SÁBIOS REAIS

“Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre por seu bom trato as suas obras em mansidão de sabedoria.”

(Tiago, 3:13.)

Milhares de pessoas senhoreiam os tesouros da instrução, multiplicando títulos, no campo social, para fugirem, incompreensivelmente, do trabalho e da fraternidade.

Aqui temos um bacharel que por haver conquistado um diploma profissional, declara-se incapaz de efetuar a limpeza da própria roupa, quando necessário; ali vemos uma jovem musicista que, por haver atravessado os salões de um conservatório, afirma-se inabilitada para servir as refeições no próprio lar. Além, observamos um negociante inteligente que, por haver explorado a confiança alheia, recolhe-se nos castelos da finança segura, asseverando-se entendido do contato com a multidão, que lhe conferiu a prosperidade. Mais adiante, notamos religiosos de vários matizes que, depois de



se declararem consolados e esclarecidos pela fé, começam a ironizar os irmãos infelizes ou ignorantes que, em nome de Deus, lhes aguardam os testemunhos de bondade e de amor.

Na vida espiritual, todavia, os verdadeiros sábios são conhecidos por ângulos diferentes.

Os verdadeiros amigos da luz revelam-se, através da generosidade pessoal. Sabem que o isolamento é orgulho, que a violência é crueldade, que a exigência descabida é serviço da treva, que o sarcasmo é perturbação... Reconhecem que a sabedoria é paternidade espiritual, cheia de compreensão e carinho, e, por isso, sem qualquer humilhação a ninguém, auxiliam a todos, indistintamente, acendendo, com amor, na escura ignorância que os cercam, a luz abençoada que brilhará, vitoriosa, amanhã.



SOMENTE ASSIM

"Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos." — Jesus.

(João, 15:18)

Em nossas aflições, o Pai é invocado.

Nas alegrias, é adorado.

Na noite tempestuosa, é esperado com ânsia.

No dia festivo, é reverenciado solenemente.

Louvido pelos filhos reconhecidos e olvidado pelos ingratos, o Pai dá sempre, espalhando as bênçãos de sua bondade infinita entre bons e maus, justos e injustos.

Ensina o verme a rastejar, o arbusto a desenvolver-se e o homem a raciocinar.

Ninguém duvide, porém, quanto à expectativa do Supremo Senhor a nosso respeito. De existência em existência, ajuda-nos a crescer e a servi-lo, para que, um dia, nos integremos, vitoriosos, em seu Divino Amor e possamos glorificá-lo.



Nunca chegaremos, contudo, a semelhante condição, simplesmente através dos mil modos de coloração brilhante dos nossos sentimentos e raciocínios.

Nossos ideais superiores são imprescindíveis, mas, no fundo, assemelham-se às flores mais belas e perfumosas da árvore. Nossa cultura é, sem dúvida, indispensável, todavia, em essência, constitui a robustez do tronco respeitável. Nossas aspirações elevadas são preciosas e necessárias, contudo, representam as folhas vivas e promissoras.

Todos esses requisitos são imperativos da colheita.

Assim também ocorre nos domínios da alma.

Somente é possível glorificar o Pai quando nos abrimos aos seus decretos de amor universal, produzindo para o bem eterno.

Por isso mesmo, o Mestre foi claro em sua afirmação.

Que nossa atividade, dentro da vida, produza muito fruto de paz e sabedoria, amor e esperança, fé e alegria, justiça e misericórdia, em trabalho pessoal digno e constante, porquanto somente assim o Pai será por nós glorificado e só nessa condição seremos discípulos do Mestre Crucificado e Redivivo.



PÁGINA DO MOÇO ESPÍRITA CRISTÃO

"Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé e na pureza." — Paulo.

(I Timóteo, 4:12.)

Meu amigo da cristandade juvenil, que ninguém te despreze a mocidade.

Este conselho não é nosso. Foi lançado por Paulo de Tarso, o grande convertido, há dezenove séculos.

O apóstolo da gentilidade conhecia o teu soberano potencial de grandeza. A sua última carta, escrita com as lágrimas quentes do coração angustiado, foi também endereçada a Timóteo, o jovem discípulo que permaneceria no círculo dos testemunhos de sacrifício pessoal por herdeiro de seus padecimentos e renúncias.

Paulo sabia que o moço é o depositário e realizador do futuro.

Em razão disso, confiava ao aprendiz a coroa da luta edificante.

Que ninguém, portanto, te menoscabe a juventude, mas não te es-



queças de que o direito sem o dever é vocábulo vazio.

Ninguém exija sem dar ajudando e sem ensinar aprendendo sempre.

Sê, pois, em tua escalada do porvir, o exemplo dos mais jovens e dos mais velhos que procuram no Cristo o alvo de suas aspirações, ideais e sofrimentos.

Consagra-te à palavra elevada e consoladora.

Guarda a bondade e a compreensão no trato com todos os companheiros e situações que te cercam.

Atende à caridade que te pede estímulo e paz, harmonia e auxílio para todos.

Sublima o teu espírito na glória de servir.

Santifica a fé viva, confiando no Senhor e em ti mesmo, na lavoura do bem, que deve ser cultivada todos os dias.

Conserva a pureza dos teus sentimentos, a fim de que o teu amor seja invariavelmente puro, na verdadeira comunhão com a Humanidade.

Abre as portas de tua alma a tudo o que seja útil, nobre, belo e santificante e, de braços devotados ao serviço da Boa-Nova, pela Terra regenerada e feliz, sigamos com a vanguarda dos nossos benfeitores ao encontro do Divino Amanhã.



MENSAGEM DO NATAL

*"Glória a Deus nas Alturas,
paz na Terra e boa vontade
para com os homens."*

(Lucas, 2:14)

O cântico das legiões angélicas, na Noite Divina, expressa o programa do Pai acerca do apostolado que se reservaria ao Mestre nascente.

*

O louvor celeste sintetiza, em tres enunciados pequeninos, a plataforma do Cristianismo inteiro.

*

Glória a Deus nas Alturas, significando o imperativo de nossa consagração ao Senhor Supremo, de todo o coração e de toda a alma.

Paz na Terra, traduzindo a fraternidade que nos compete incentivar, no plano de cada dia, com todas as criaturas.

Boa vontade para com os homens, definindo as nossas obrigações de serviço espontâneo, uns à frente dos outros, no grande roteiro da Humanidade.

*



O Natal exprime renovação da alma e do mundo, nas bases do Amor, da Solidariedade e do Trabalho.

*

Dantes, os que se anunciavam, em nome de Deus, exibiam a púrpura dos triunfadores sobre o acervo de cadáveres e despojos dos vencidos.

Com o Enviado Celeste, que surge na Manjedoura, temos o Divino vencedor, arrebanhando os fracos e os sofredores, os pobres e os humildes para a revelação do Bem Universal.

*

Dantes, exércitos e armadilhas, flagelos e punhais, chuvas de lodo e lama para a conquista sanguinolenta.

Agora, porém, é um Coração armado de Amor, aberto à compreensão de todas as dores, ao encontro das almas.

Não amaldiçoa.

Não condena.

Não fere.

Fortalece as boas obras.

Ensina e passa.

Auxilia e segue adiante.

Consola os aflitos, sem esquecer-se de consagrar o júbilo esponsalício de Caná.

Reconforta-se com os discípulos no jardim doméstico, todavia, não desampara a multidão na praça pública.

Exalta as virtudes femininas no Lar de Pedro, contudo, não menospreza a Madalena transviada.

Partilha o pão singelo dos pescadores, mas não menoscaba o banquete dos publicanos.

Cura Bartimeu, o cego esquecido, entretanto, não olvida Zaqueu, o rico enganado.

Estima a nobreza dos amigos, contudo, não desdenha a cruz entre os ladrões.

Cristo na Manjedoura representava o Pai na Terra.
O cristão no mundo é Cristo dentro da vida.

*

Natal! Glória a Deus! Paz na Terra! Boa Vontade para com os Homens!

*

Se já podes ouvir a mensagem da Noite Inesquecível, recorda que a Boa Vontade para com todas as criaturas é o nosso dever de sempre.



NATAL

*"Glória a Deus nas Alturas,
paz na Terra e boa vontade
para com os Homens".*

(Lucas, 2:14.)

As legiões angélicas, junto à
Manjedoura, anunciando o Grande
Renovador, não apresentaram qual-
quer ação de reajuste violento.

*

Glória a Deus no Universo Divi-
no.

Paz na Terra.

Boa vontade para com os Ho-
mens.

*

O Pai Supremo, legando a nova
era de segurança e tranquilidade ao
mundo, não se declarava o Embaixador
Celeste investido de poderes
para ferir ou destruir.

*

Nem castigo ao rico avarento.
Nem punição ao pobre desesperado.
Nem desprezo aos fracos.

Nem condenação aos pecadores.
Nem hostilidade para com o fariseu
orgulhoso.



Nem anátema contra o gentio inconsciente.
Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus,
para o serviço da Boa Vontade.

*

A justiça do "olho por olho" e do "dente por dente"
encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz.

*

Homens e animais, assombrados ante a luz nascente
na estrebaria, assinalaram júbilo inexprimível...

Daquele inolvidável momento em diante a Terra se renovaria.

*

O algoz seria digno de piedade.

O inimigo converter-se-ia em irmão transviado.

O criminoso passaria à condição de doente.

Em Roma, o povo gradativamente extinguiria a mancha nos circos. Em Sídon, os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais sofreriam relegados ao abandono nos vales de imundície.

*

Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou, vitorioso, do berço do palha ao madeiro sanguinolento.

*

Irmão, que ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

*

Natal! Boa Nova! Boa Vontade!...

Estendamos a simpatia a todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia.

QUE FAREI?

"Que farei?" — Paulo.

(Atos, 22:10)

Muita gente aproxima-se do Evangelho para o culto inveterado do comodismo.

Como dominarei? — interrogam alguns.

Como descansarei? — indagam outros.

E os rogos se multiplicam, estranhos, reprováveis, incompreensíveis...

Há quem peça reconforto barato na carne, quem reclame afeições indébitas, quem suspire por negócios inconfessáveis e quem exija recursos para dificultar o serviço da paz e do bem.

A pergunta do apóstolo Paulo, no justo momento em que se vê agraciado pela Presença Divina, é padrão para todos os aprendizes e seguidores da Boa Nova.

O grande trabalhador da Reve-



lação não pede transferência da Terra para o Céu e nem descamba para sugestões de favoritismo ao seu círculo pessoal. Não roga isenção de responsabilidade, nem foge ao dever da luta.

Que farei? — disse ele a Jesus, compreendendo o impositivo do esforço que lhe cabia.

E o Mestre determina que o companheiro se levante para a sementeira de luz e de amor, através do próprio sacrifício.

Se foste chamado à fé, não recorras ao Divino Orientador suplicando privilégios e benefícios que justifiquem a tua permanência na estagnação espiritual.

Procuremos com o Senhor o serviço que a sua Infinita Bondade nos reserva e caminharemos, vitoriosos, para a sublime renovação.



NA LUTA VULGAR

“Pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.” — Paulo.

(Gálatas, 6:7.)

Não é preciso morrer na carne para conhecer a lei das compensações.

Reparemos a luta vulgar.

O homem que vive na indiferença pelas dores do próximo, recebe dos semelhantes a indiferença pelas dores que lhe são próprias.

Afastemo-nos do convívio social e a solidão deprimente será para nós a resposta do mundo.

Se usamos severidade para com os outros, seremos julgados pelos outros com rigor e aspereza.

Se praticamos em sociedade ou em família a hostilidade e a aversão, entre parentes e vizinhos encontraremos a antipatia e a desconfiança.

Se insultamos nossa tarefa com a preguiça, nossa tarefa relegar-nos-á à inaptidão.

Um gesto de carinho para com



o desconhecido na via pública granjear-nos-á o concurso fraterno dos grupos anônimos que nos cercam.

Pequeninas sementeiras de bondade geram abençoadas fontes de alegria.

O trabalho bem vivido produz o tesouro da competência.

Atitudes de compreensão e gentileza estabelecem solidariedade e respeito, junto de nós.

Otimismo e esperança, nobreza de caráter e puras intenções atraem preciosas oportunidades de serviço, em nosso favor.

Todo dia é tempo de semear.

Todo dia é tempo de colher.

Não é preciso atravessar a sombra do túmulo para encontrar a justiça, face a face. Nos princípios de causa e efeito, achamo-nos incessantemente sob a orientação dela, em todos os instantes de nossa vida.



INTERROGAÇÃO DO MESTRE

“Que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando a si mesmo?” — Jesus.

(Lucas, 9:25).

Em verdade, com a força associada à inteligência, pode o homem terrestre:

revolver o solo planetário;
sugar os benefícios da Terra;
incentivar interesses personalistas;

erguer arranha-céus nas cidades maravilhosas;

construir palácios para o ninho doméstico;

eleva-se ao firmamento em máquinas possantes;

consultar os abismos do mar;
atravessar oceanos em navios velozes;

estender utilidades no plano da civilização;

criar paraísos de fantasia para os sentidos corporais;

monopolizar os negócios do mundo;



abrir estradas ligando continentes e povos;
conversar à distância de milhares de quilômetros;
dominar o dia que passa em carros de triunfo;
substituir os ídolos de barro no altar da ilusão;
formar exércitos poderosos, consagrados à morte;
forjar espadas e canhões;
ditar duras leis aos mais fracos;
gritar a palavra de ódio em tribunas de ouro;
exercer a vingança, oprimir, gozar, amaldiçoar...

Em verdade, o homem, usufrutuário da Terra, e depositário da confiança de Deus, pode fazer tudo isso; contudo, que lhe aproveitará tamanha exaltação se, distraído de si mesmo, se vale das glórias da inteligência para precipitar-se nos despenhadeiros da treva e da morte?



A GRAÇA DO SENHOR

"A minha graça te basta."
— Paulo.

(Corintios, 12:9).

Com a graça do Senhor,
a cruz salva;
o sacrifício enaltece;
a injúria santifica;
a perseguição beneficia;
a tempestade fortalece;
a dor redime;
o trabalho aperfeiçoa;
a luta aprimora;
o anátema estimula;
o dever nobilita;
o serviço dignifica;
a calúnia engrandece;
a solidão reconforta;
o obstáculo ensina;
o adversário ajuda;
a dificuldade valoriza;
o desgosto restaura;
a pedrada edifica;
o espinho corrige;
a humilhação eleva;



a cicatriz colabora;
a ironia constrói;
a incompreensão instrui;
o pranto limpa;
o suor melhora;
o desencanto esclarece;
a pobreza entesoura;
a enfermidade auxilia;
a morte liberta.

É razoável que muitos homens estejam à procura de dádivas transitórias do mundo, mas que o cristão não olvide o mais sublime dom da vida — a Graça do Senhor, base da felicidade real do discípulo fiel, onde quer que se encontre.



OPEREMOS

“... Operai a vossa salvação...” — Paulo.

(Filipenses, 2:12)

Salvar quer dizer “guardar, preservar, livrar-se do perigo...”

Operar significa “agir, efetuar, executar...”

O apóstolo induz-nos a refletir sobre o imperativo do próprio esforço na elevação espiritual, como a dizer-nos que o Criador não dispensa a cooperação do homem nas edificações da vida.

E, em verdade, nas faixas mais simples da Natureza, vemos semelhante princípio dominar, claro e metódico.

Deus concede ao homem a gleba que produzirá pão, contudo, não lhe dispensará o concurso na lavoura frutescente; confere-lhe as vantagens da biblioteca preciosa, mas reclama-lhe a aplicação pessoal na conquista do conhecimento; cede-lhe o bloco de mármore puro, entre-



tanto, exige-lhe suor e atenção no buril, para que a obra-prima de estatuária se expresse, vitoriosa...

Assim também, a colaboração humana jamais será excluída na solução dos problemas de natureza espiritual.

Jesus opera em nós o amor ao bem e as disposições renovadoras da fé, acrescentando-nos a sede de luz; no entanto, cabe-nos operar, por nossa vez, a transformação de nossa existência e de nossa alma, a fim de que os valores do céu nos sublimem a vida.

O Senhor, para ajudar-nos, não prescindirá do auxílio que devemos a nós mesmos.

O Mestre acendeu a luz no caminho. Mobiliza tua alma ao encontro d'Ele.



RENOVEMO-NOS

"Se alguém está em Cristo, nova criatura é." — Paulo.

(Coríntios, 5:17.)

Quanta gente fala em Cristo, sem buscar-lhe a companhia!

Há quem lhe recite as lições com maravilhoso poder menmônico sem lhe haver soletrado jamais qualquer ensinamento na linguagem da ação.

Há quem se reporte ao Evangelho, anos a fio, sem procurar-lhe a inspiração em momento algum.

Muitos dizem: — "quero Jesus!" — mas não o aceitam.

O problema do cristão, todavia, não é apenas suspirar pelo Senhor. É permanecer com Ele, assimilando-lhe a palavra e seguindo-lhe o exemplo.

Não apenas crença, mas comunhão.

Se pretendes quebrar as algemas que te agridhoam à sombra, não bastará te rotules com esse ou aque-



le título no campo das afirmações exteriores. É imprescindível te transformes por dentro, fazendo luz para o cérebro e luz para o coração.

Para isso, se procuras com a Boa Nova o caminho da própria felicidade, lembra-te de que é preciso estar nossa alma em Jesus, para renovar-se com segurança. Aprendamos a ver com o entendimento do Senhor, a ouvir com a sublime compreensão que lhe assinalou a passagem no mundo, a trilhar a senda humana com o sentimento que lhe marcou as atitudes e a usar as mãos no Sumo Bem, como as utilizou o Divino Mestre e, certamente, ainda hoje, seremos nova criatura, ajudando a Terra pela qualidade de nossa vida e edificando em nós mesmos a excelsitude do Céu.



OBEDEÇAMOS

“Escrevi-te confiado na tua obediência, sabendo que ainda farás mais do que te digo.” — Paulo.

(Filêmon, 1:21.)

Escrevendo ao companheiro, Paulo não afirma confiar na inteligência que pode envaidecer-se e desgozar-se.

Nem na força que induz à mentira.

Nem no entusiasmo suscetível de enganar a si próprio.

Nem no desassombro que, muitas vezes, é simples temeridade.

Nem no poder capaz de iludir-se.

Nem na superioridade que costuma desmandar-se no orgulho.

O apóstolo confia na obediência.

Não na *passividade-cegueira* que alimenta a discórdia e o fanatismo, mas na compreensão que se subordina ao trabalho por devotamento ao bem de todos, enxergando na felicidade alheia a felicidade que lhe é própria.



Para que atinjas a comunhão com o Senhor, não é necessário te consagres ao incenso da adoração, admirando-o ou defendendo-o.

Obedece-lhe. Seguindo-lhe as recomendações, aperfeiçoarás a ti mesmo, pela cultura e pelo sentimento, e terás contigo o amor e a lealdade, a harmonia e o discernimento, a energia e a brandura que garantem a eficiência do serviço a que foste chamado.

Saibamos, pois, obedecer ao Senhor em nosso mundo íntimo, e aprenderemos a fazer mais pela vida do que a vida espera de nós.



DE ALMAS NO AMOR

“Que não amemos de palavras nem de língua, mas de obras e de verdade.” — João.

(I João, 3:18)

Inegavelmente, não prescindimos da palavra na criação dos valores de nossa fé.

Pelo verbo, Jesus plasmou na Terra os fundamentos do Reino de Deus, estabelecendo entre os homens nova concepção da vida; no entanto, o poder crescente e renovador de sua lição nasce do exemplo que lhe valoriza a Divina Mensagem.

O Evangelho, por isso, é roteiro de luz não só pelos ensinamentos que encerra, mas pelo testemunho pessoal com que foi vivido.

Lembra-te de que pelas contradições entre a palavra e o sentimento, entre as nossas afirmativas e as nossas obras, muitas vezes temos perdido valiosas oportunidades no curso de nossas reencarnações.

Admiramos o Cristianismo sem coragem de aplicá-lo.



Adocicamos a expressão verbal, ensinando o bem por fora, sem renovar-nos por dentro para fazê-lo.

Esperamos que os outros se disponham à obediência, guardando para nós a prerrogativa do mando.

Exigimos que o companheiro atenda hoje ao dever de servir, adiando para o indefinido amanhã o cumprimento de nossas obrigações.

Ocultamo-nos, quase sempre, por trás de máscaras tranquilas, alimentando na intimidade de nós mesmos a fermentação da malícia com que nos acomodamos com as trevas.

Sempre que possas, ensina o caminho do bem aos semelhantes, contudo, tanto quanto possas deixa que o bem se expresse em tua vida. Para que vivamos na paz criadora e santificante do Mestre, é indispensável amar o próximo, não apenas com a língua, mas, acima de tudo, de almas imersas no amor, despendendo, cada dia, suor e renúncia, trabalho e coração.



DE MÃOS NO BEM

"Honrai a todos. Amai a fraternidade." — Pedro.

(Pedro, 2:17.)

Sabemos que o Cristo espera por nós. acima de tudo, ao lado de nossos irmãos na Terra.

Onde surgem dificuldades e provas, ei-lo aí, aguardando-nos a intervenção para que o concurso fraterno se faça sentir de pronto.

Muitas vezes porém, diante do companheiro teimoso e rude, exclamamos, desalentados: — "já fiz tudo", "agora não posso mais."

Entretanto, Jesus não age para conosco em semelhantes limitações.

Todos os dias, somos amparados com segurança e tolerados com largueza.

Estejamos, pois, dispostos a ofertar mãos cheias de trabalho no templo do amor fraterno.

Cada momento é o ensejo de ajudar aos nossos irmãos de luta, por amor ao Mestre que nos sustenta.



Decerto, não somos convidados a favorecer os abusos que nos visitam em forma de apelos à caridade, mas ainda aí, podemos auxiliar, com o silêncio e com a prece, as vítimas da delinquência, para que se desvencilhem das trevas em que se afligem, encorajando-as com o nosso testemunho de paciência e boa vontade.

Permaneçamos, assim, de almas voltadas para o bem positivo e incessante.

Em nos levantando, cada dia, reparemos as dores e as inquietações que nos cercam e ofereçamos mãos cheias de serviço ao Senhor, na pessoa dos outros, guardando a certeza de que, assim procedendo, recolheremos dos outros o socorro espontâneo às nossas necessidades.



O GRANDE SERVIDOR

"Eu estou entre vós como quem serve." — Jesus.

(Lucas, 22:27)

Sim, o Cristo não passou entre os homens como quem impõe.

Nem como quem determina.

Nem como quem governa.

Nem como quem manda.

Caminhou na Terra à feição do servidor.

Legou-nos o Evangelho da vida, escrevendo-lhe a epopeia no coração das criaturas.

Mestre, tomou o próprio coração para sua cátedra.

Enviado Celestial, não se detém num trono terrestre e aproxima-se da multidão para auxiliá-la.

Fundador da Boa Nova, não se limita a tecer-lhe a coroa com palavras estudadas, mas estende-a e consolida-lhe os valores com as próprias mãos.

A prática é o seu modo de vencer.



O próprio sacrifício é o seu método de transformar. Aprendamos com o Divino Mestre a ciência da renovação pelo bem. E modificar a nós mesmos para a vitória do bem, elevando pessoas e melhorando situações, é servir sempre como quem sabe que fazer é o melhor processo de aconselhar.



NO JÚBILO DE SERVIR

"Depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dissei: somos servos inúteis, fizemos o que devíamos fazer." — Jesus.

(Lucas, 17:10.)

Guarda tua alma no júbilo de servir.

Não reclames honrarias, por mais alto te pareça o triunfo em tuas mãos.

Se a terra se julgasse dona da árvore que frutifica na sua crosta, tentando negar-lhe arrimo, não faria mais que privar-se da proteção que o vegetal lhe dispensa, e se a árvore se presumisse proprietária da terra que a suporta, fugindo-lhe às bases, nada mais conseguiria que a eliminação de si mesma. Atentas, porém, à seiva e ao equilíbrio que a Sabedoria Divina lhes assegura, entram em abençoada cooperação e produzem a bênção da colheita.

Todos os bens da vida fluem da Bondade de Nosso Pai.

Nas tuas horas de êxito, medita nas forças conjugadas que te sus-



tentam. Pensa nos que te beneficiam e te instruem, nos que te amparam e te garantem.

Orgulhar-se das boas obras é ensombrar a própria visão, invocando homenagens indébitas que de direito pertencem a Deus.

À maneira do instrumento leal e dócil, deixa que o Sumo Bem te use a vida.

O violino, ainda mesmo o de mais rara fabricação, não vale por si. Engrandece-se, porém, na fidelidade com que se rende às mãos do artista que o integra na exaltação da Harmonia Eterna.



FAÇAMOS LUZ ESPIRITUAL

*“Não apagueis o espírito”.
(I aos Tessalonicenses. —
Cap. V, vers. 19).*

De modo geral, todos nós, no mecanismo de recapitulações das experiências terrestres, somos reconduzidos a condições difíceis do aprendizado, valorizando a responsabilidade, o livre arbítrio e a razão, que menosprezamos em outra época. Entretanto, apesar da concessão divina do retorno à luta benéfica, precipitamo-nos em despenhadeiros diversos, à distância do caminho que o Pai nos traçou, mobilizando divinos mensageiros de seu amor.

Considerando a constância da Proteção Divina, somos obrigados a reconhecer que, antes do próprio Evangelho de Jesus, a Humanidade já recebia continuadas demonstrações de socorro do Alto, através de emissários numerosos da Providência, nos setores da Religião, da Fi-



losophia e da Ciência, que induziam a criatura à necessária elevação espiritual e a iluminação do seu patrimônio de conhecimentos.

Todavia, não obstante o cuidado incessante do Senhor, não temos sabido manter o equilíbrio indispensável entre as margens do caminho reto.

Assoberbam-nos tentações de variados matizes, emergindo da viciação de nós mesmos e compelindo-nos a voltar às situações inferiores do pretérito.

Persiste em nós, ainda mesmo em se tratando dos desencarnados que se localizam nas zonas fronteiriças da carne, o terrível dualismo da animalidade e da espiritualidade simultâneas.

Grande é a batalha! Constitui a síntese de muitos séculos de escolha criminosa e de predileções prejudiciais.

Apesar disso, nossa razão é sempre vigoroso foco de observação e potencial analítico. Criamos extensa nomenclatura para classificar os erros do próximo, sabemos discernir, com rigor, as regiões nevrálgicas dos vizinhos e tabelar as faltas alheias com ausência, quase absoluta, de senso evangélico, no exame das minudências circunstanciais.

Sobram-nos raciocínios contundentes e escasseiam-nos sentimento divino para compreender a posição dos que caíram, ao longo de penosa iniciação na vida superior, doentes da alma e aflitos do coração. Esquecemo-nos de que os sucessos amargos, determinantes das quedas de outrem são acontecimentos suscetíveis de ferir igualmente a nós outros, que nos supomos inatingíveis.

É por isso que toda a cautela se requer na preparação de caminhos, por parte dos discípulos modernos. O campo de experiência está exigindo maiores recursos de iluminação para o sentimento. O trabalhador formado para o serviço é patrimônio da vanguarda, conclamando à renovação geral. Muita vez, faz-se preciso abandonar as situações mais reconfortantes e os laços mais estimáveis, a fim de atendermos ao chamamento divino. Para quantos se consagram às realizações do Mestre, o relógio da evolução oferece horas muito diferentes nos tempos que

passam. Urge afeiçoar-se o individualismo de cada servidor à luz sublime do Reino de Jesus, ainda mesmo ao preço de sacrifícios pungentes. No cérebro e no coração não ressoam convites ao sentimentalismo doentio, mas ao sentimento edificante; nem apelos à indiferença ou à impossibilidade e sim exortações ao equilíbrio que o Cristo nos legou.

Não recebemos qualquer aquisição, sem o preço correspondente. Fatos comezinhos da existência material esclarecem-nos vivamente neste sentido. Por que motivo aguardaríamos vantagens da compreensão, sem o trabalho precioso? Não se dependura a virtude no santuário da consciência, como objeto de adorno em tabiques exteriores.

Faz-se preciso renovar a mente e purificar o coração. Não adquiriremos patrimônios da imortalidade, guardando acervos de pensamentos do campo mortal.

Não nos renovaremos em Cristo, perseverando nas velhas armadilhas de fantasias da esfera transitória.

Para elevar a própria vida é imprescindível gastar muitas emoções, aparar inúmeras arestas da personalidade, reajustar conceitos e combater sistematicamente a ilusão.

Vigiemos, no templo de nós mesmos, de modo a não apagar e nem reduzir a luz do espírito, controlando as nossas intervenções individuais no campo infinito e eterno da vida.

Para alcançar semelhante edificação, com a desejável segurança, é impossível afastar-se o aprendiz do Evangelho aplicado ao raciocínio e ao sentimento. Em suas forças vivas, encontramos possibilidades de entendimento com o Cristo, vivendo-lhe os ensinamentos. Seus padrões de vida eterna desafiam-nos as obras efêmeras, despertando-nos a consciência para a visão de horizontes mais vastos.

Enquanto não renovarmos a corrente das paixões que nos caracterizam a individualidade, não alcançaremos o poder indispensável à realização desejada. Seremos constantes ouvintes estacionados no jardim ilusório da admi-

ração apressada, crentes perdidos em nova idolatria de falsos valores, pelo olvido de nossos tesouros ocultos e pelo abandono de nossas ferramentas da possibilidade pessoal. Seremos pródigos em aconselhar o bem, esquecidos de aplicá-lo e sim polizaremos compêndios vivos de lamentável necrose espiritual.

Fujamos à terrível condição da maioria das inteligências modernas, caracterizadas por raciocínios de anjo, aliados a sentimentos de monstro. A desarmonia que se verifica, no quadro evolutivo das mentes encarnadas, repete-se em nosso plano de ação. Nas esferas vizinhas da Crosta Planetária instituem-se incontáveis escolas de preparação, destinadas à melhoria dos que se distanciam da experiência física à maneira de verme rastejando colado à concha do egoísmo e da vaidade. É necessário reeducar, readaptar e restaurar personalidades que se demoram nas sombras do "eu", desinteressadas do santuário que lhes pertence no imo do ser.

Muitos de vós, nos centros espiritistas cristãos, realizais, presentemente, serviços que inúmeras almas somente conseguem levar a efeito, em seguida à libertação do corpo que as materializava na Terra. Aprendem, dificilmente, a arte do desapego, pelas noções de posse egoística que cristalizaram em si próprias, e daí a necessidade de volumosas lágrimas para a retificação dos erros da imprevidência.

Os discípulos sinceros de Jesus operam atualmente tendo por trabalho máximo o desprendimento próprio, à própria iluminação. Esse, de fato, o objetivo primordial da doutrina, — a melhoria da criatura para o mundo melhor.

O setor científico do Espiritismo, em verdade, pode constituir notáveis convições e disseminar flores admiráveis de intelectualidade e filosofia superficial. Mas a simples demonstração científica não realiza as conversões e transsubstanciações necessárias à renovação benéfica do homem e do mundo. Não devemos limitar o movimento libertador das consciências que o Espiritismo instituiu no Planeta a mero serviço de informações verbalísticas en-

tre dois planos diferentes de vida. É imprescindível ponderar e raciocinar com a realidade cristã. Podemos incentivar nossas relações com as esferas mais altas, estender a visão psíquica, ampliar expressões fenomênicas, mas se relaxarmos o trabalho de manutenção da luz divina, permitindo que a chama da Divindade se apague dentro de nós, todo o esforço resultará infrutífero.

Curemo-nos, portanto, da velha paralisia sentimental, exemplificando a humildade e a fraternidade, de cuja conceituação e definição temos sido excelentes portadores. Reduzamos a exportação de conselhos fáceis, para atender à obra difícil de nossa própria redenção com o Cristo de Deus.

Instalemos a ponderação no centro de nossos pensamentos e sigamos o Mestre Divino nas múltiplas circunstâncias que nos assinalam a luta.

Sustentando a Lâmpada de nossa fé, na superior destinação para o qual fomos lançados à torrente da vida eterna, teremos organizado a energia precisa para que a luz do espírito jamais se extinga dentro de nós.

O discípulo deve e pode refletir a vontade do Senhor, executando-lhe as lições, cada dia.

É para esse esforço que os espiritistas do Evangelho são atualmente chamados, no desdobramento do qual, recebem as mais elevadas cotas de auxílio das Esferas Superiores. A zona mais alta de suas tarefas apostólicas, na atualidade terrestre, acima do proselitismo apressado e da propaganda fácil, reside no trabalho abençoado de reavivamento da luz espiritual no mundo inteiro, conservando a luz do espírito, acesa e brilhante em si próprio.



PÁGINA DO NATAL

"Luz para alumiar as nações".

(Lucas, 2:32.)

Há claridades nos incêndios destruidores que consomem vidas e bens.

Resplendor sinistro transparece nos bombardeios que trazem a morte.

Reflexos radiosos surgem do lança-chamas.

Relâmpagos estranhos assinalam a movimentação das armas de fogo.

*

No Evangelho, porém, é diferente.

*

Comentando o Natal, assevera Lucas que o Cristo é a Luz para alumiar as nações.

Não chegou impondo normas ao pensamento religioso.

Não interpelou governantes e governados sobre processos políticos.

Não disputou com os filósofos quanto às origens do homem.



Não concorreu com os cientistas na demonstração de aspectos parciais e transitórios da vida.

*

Fêz luz no espírito eterno.

*

Embora tivesse o ministério endereçado aos povos do mundo, não marcou a sua presença com expressões coletivas de poder, quais exército e sacerdócio, armamentos e tribunais.

Trouxe claridade para todos, projetando-a de Si mesmo.

Revelou a grandeza do serviço à coletividade, por intermédio da consagração pessoal ao Bem Infinito.

*

Nas reminiscências do Natal do Senhor, meu amigo, medita no próprio roteiro.

Tens suficiente luz para a marcha?

Que espécie de claridade acendes no caminho?

Foge ao brilho fatal dos curtos-circuitos da cólera, não te contentes com a lanterninha da vaidade que imita o pirilampo em vôo baixo, dentro da noite, apaga a labareda do ciúme e da discórdia que atira corações aos precipícios do crime e do sofrimento.

Se procuras o Mestre Divino e a experiência cristã, lembra-te de que na Terra há clarões que ameaçam, perturbam, confundem e anunciam arrasamento...

*

Estarás realmente cooperando com o Cristo, na extinção das trevas, acendendo em ti mesmo aquela sublime luz para alumiar?



BILHETE FRATERNAL

“Qualquer que vos der a beber um copo d’água em meu nome, em verdade vos digo que não perderá o seu galardão”. — Jesus.

(Marcos, 9:41)

Meu amigo, ninguém te pede a santidade dum dia para outro.

Ninguém reclama de tua alma espetáculos de grandeza.

Todos sabemos que a jornada humana é inçada de sombras e aflições criadas por nós mesmos.

Lembra-te, porém de que o Céu nos pede solidariedade, compreensão, amor.

Planta uma árvore benfeitora, à beira do caminho.

Escreve algumas frases amigas que consolem o irmão infeliz.

Traça pequena explicação para a ignorância.

Oferece a roupa que se fez inútil agora, ao teu corpo, ao companheiro necessitado que segue à retaguarda.

Divide, sem alarde, as sobras de teu pão com o faminto.



Sorri para os infelizes.

Dá uma prece ao agonizante.

Acende a luz de um bom pensamento para aquele que te precedeu na longa viagem da morte.

Estende o braço à criancinha enferma.

Leva um remédio ou uma flor ao doente.

Improvisa um pouco de entusiasmo para os que trabalham contigo.

Emite uma palavra amorosa e consoladora onde a candeia do bem estiver apagada.

Conduze uma xicara de leite ao recém-nascido que o mundo acolheu sem um berço enfeitado.

Concede alguns minutos de palestra reconfortante ao colega abatido.

O rio é um conjunto de gotas preciosas.

A fraternidade é um Sol composto de raios divinos, emitidos por nossa capacidade de amar e servir.

Quantos raios libertaste hoje do astro vivo que é teu próprio ser imortal?

Recorda o Divino Mestre que teceu lições inesquecíveis, em torno do vintém de uma viúva pobre, de uma semente de mostarda, de uma dracma perdida...

Faze o bem que puderes.

Ninguém espera que apagues sozinho o incêndio da maldade.

Dá o teu copo de água fria.



NO QUADRO REAL

"Dei-lhes a tua palavra e o mundo os aborreceu, porque não são do mundo, assim como eu do mundo não sou". — Jesus.

(João, 17:14).

Aprendizes do Evangelho, à espera de facilidades humanas, constituirão sempre assembléias do engano voluntário.

O Senhor não prometeu aos companheiros senão continuado esforço contra as sombras, até à vitória final do bem.

O cristão não é flor de ornamento para igrejas isoladas. É "sal da Terra", força de preservação dos princípios divinos no santuário do mundo inteiro.

A palavra de Jesus, nesse particular, não padece qualquer dúvida.

"Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.

Amai vossos inimigos.

Orai pelos que vos perseguem e caluniam.



Bendizei os que vos maldizem.
Emprestai sem nada esperardes.
Não julgueis para não serdes julgados.
Entre vós, o maior seja servo de todos.
Buscai a porta estreita.
Eis que vos envio como ovelhas ao meio dos lobos.
No mundo, tereis tribulações.

Mediante afirmativas tão claras, é impossível aguardar em Cristo um doador de vida fácil. Ninguém se aproxime d'Ele sem o desejo sincero de aprender a melhorar-se. Se o Cristianismo é esperança sublime, amor celeste e fé restauradora, é também trabalho, sacrifício, aperfeiçoamento incessante.

Comprovando suas lições divinas, o Mestre Supremo viveu servindo e morreu na cruz.



A ÁGUA FLUIDA

"E qualquer que tiver dado só que seja um copo d'água fria, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que, de modo algum, perderá o seu galardão." — Jesus.

(Mateus, 10:42)

Meu amigo, quando Jesus se referiu à bênção do copo de água fria, em seu nome, não apenas se reportava à compaixão rotineira que sacia a sede comum. Detinha-se o Mestre no exame de valores espirituais mais profundos.

A água é dos corpos mais simples e receptivos da Terra. É como que a base pura, em que a meditação do Céu pode ser impressa, através de recursos substanciais de assistência ao corpo e à alma, embora em processo invisível aos olhos mortais.

A prece intercessória e o pensamento de bondade representam irradiações de nossas melhores energias.

A criatura que ora ou medita exterioriza poderes, emanações e fluidos que, por enquanto, escapam à



análise da inteligência vulgar, e a linfa potável recebe-nos a influência, de modo claro, condensando linhas de força magnética e princípios elétricos, que aliviam e sustentam, ajudam e curam.

A fonte que procede do coração da Terra e a rogativa que flui do imo d'alma, quando se unem na difusão do bem, operam milagres.

O espírito que se eleva na direção do Céu é antena viva, captando potenciais de natureza superior, podendo distribuí-los a benefício de todos os que lhe seguem a marcha.

Ninguém existe órfão de semelhante amparo.

Para auxiliar a outrem e a si mesmo, bastam a boa vontade e a confiança positiva.

Reconheçamos, pois, que o Mestre, quando se referiu à água simples, doada em nome de sua memória, reportava-se ao valor real da providência, a benefício da carne e do espírito, sempre que estacionem através de zonas enfermiças.

Se desejas, portanto, o concurso dos Amigos Espirituais, na solução de tuas necessidades fisio-psíquicas ou nos problemas de saúde e equilíbrio dos companheiros, coloca o teu recipiente de água cristalina, à frente de tuas orações, espera e confia. O orvalho do Plano Divino magnetizará o líquido, com raios de amor em forma de bênçãos e estarás, então, consagrando o sublime ensinamento do copo de água pura, abençoado nos Céus.



O PASSE

*"Ele tomou sobre si as
nossas enfermidades e levou
as nossas doenças."*

(Mateus, 8:17)

Meu amigo, o passe é transfusão de energias fisio-psíquicas, operação de boa vontade, dentro da qual o companheiro do bem cede de si mesmo em teu benefício.

Se a moléstia, a tristeza e a amargura são remanescentes de nossas imperfeições, enganos e excessos, importa considerar que, no serviço do passe, as tuas melhoras resultam da troca de elementos vivos e atuantes.

Trazes detritos e aflições e alguém te confere recursos novos e bálsamos reconfortantes.

No clima da prova e da angústia, és portador da necessidade e do sofrimento.

Na esfera da prece e do amor um amigo se converte no instrumento da Infinita Bondade, para que recebas remédio e assistência.



Ajuda o trabalho de socorro aqui mesmo, com esforço da limpeza interna.

Esquece os males que te apoquentam, desculpa as ofensas de criaturas que te não compreendem, foge ao desânimo destrutivo e enche-te de simpatia e entendimento para com todos os que te cercam.

O mal é sempre a ignorância e a ignorância reclama perdão e auxílio para que se desfaça, em favor da nossa própria tranquilidade.

Se pretendes, pois, guardar as vantagens do passe que, em substância, é ato sublime de fraternidade cristã, purifica o sentimento e o raciocínio, o coração e o cérebro.

Ninguém deita alimento indispensável em vaso impuro.

Não abuses, sobretudo, daqueles que te auxiliam. Não tomes o lugar do verdadeiro necessitado, tão só porque os teus caprichos e melindres pessoais estejam feridos.

O passe exprime também gastos de forças e não deve provocar o dispêndio de energias do Alto, com infantilidades e ninharias.

Se necessitas de semelhante intervenção, recolhe-te à boa vontade, centraliza a tua expectativa nas fontes celestes do suprimento divino, humilha-te, conservando a receptividade edificante, inflama o teu coração na confiança positiva e, recordando que alguém vai arcar com o peso de tuas aflições, retifica o teu caminho, considerando igualmente o sacrifício incessante de Jesus por nós todos, porque, de conformidade com as letras sagradas. "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças".



FRATERNIDADE

"Amemo-nos uns aos outros..." — João.

(I João, 4:7).

Nem um só monumento do passado revela o espírito de fraternidade nas grandes civilizações que precederam o Cristianismo.

Os restos do Templo de Carnaque, em Tebas, se referem à vaidade transitória.

Os resíduos do Circo Máximo, em Roma, falam de mentirosa dominação.

As ruínas da Acrópole, em Atenas, se reportam ao elogio da inteligência sem amor.

Santuários e castelos, arcos de triunfo e muralhas preciosas, hoje relegados à miséria e ao abandono, atestam a passagem da discórdia, da prepotência e da fantasia...

Antes do Cristo, não vemos sinais de instituições humanitárias de qualquer natureza, porque, antes d'Ele, o órfão era pasto à escravidão,



as mulheres sem títulos, eram objeto de escárnio, os doentes eram atirados aos despenhadeiros da imundície e os fracos e os velhos eram condenados à morte sem comise-
ração.

Aparece Jesus, porém, e a paisagem social se modi-
fica.

O povo começa a envergonhar-se de encaminhar os
enfermos ao lixo, de decepar as mãos dos prisioneiros, de
vender mães escravas, de cegar os cativos utilizados nos
trabalhos de rotina doméstica, de martirizar anciãos e
zombar dos humildes e dos tristes.

Um novo mundo começa...

Ao influxo do Divino Mestre, o homem passa a enxer-
gar os outros homens.

O lar, a maternidade, o berçário, a escola, o hospital,
o asilo, são recintos sagrados e um novo gênio de luz er-
gue-se muito acima daqueles que se faziam respeitar pe-
la espada, pelo sangue, pela sagacidade e pela força, pa-
ra governar as almas na Terra.

Sem palácio e sem trono, sem coroa e sem títulos,
o gênio da Fraternidade penetrou o mundo pelas mãos do
Cristo, e, sublime e humilde, continua, entre nós, em silên-
cio, na divina construção do Reino do Senhor.



SERVIÇO

*"... Trabalhando para não
sermos pesados a nenhum
de vós." — Paulo.*

(Tessalonicenses, 3:8.)

Antes de Jesus, o serviço, sem
dúvida, constituía abjeção ou mise-
rabilidade.

Excetuadas as lides da guerra e
as preocupações da governança que
representavam o trabalho honroso da
habilidade e da inteligência, qual-
quer gênero de atividade era consi-
derado esforço inferior que deveria
ser relegado aos homens cativos.

O serviço-punição estava em to-
da parte.

Escravos nas letras.

Escravos no ensino.

Escravos na rotina doméstica.

Escravos nos espetáculos.

Escravos no mar.

Escravos no solo.

Onde estivesse alguém ajudan-
do ao próximo, no uso respeitável
dos braços, aí se achava um cora-



ção jungido à vontade despótica do senhor, sem qualquer direito à própria vida.

Com Jesus, porém, o trabalho começa a receber o apreço que lhe é devido.

O Mestre inicia o apostolado numa carpintaria singela. Em seguida, é o médico dos desamparados, sem honorários; é o enfermeiro dos aflitos, sem renumeração; o educador ativo, sem recompensa... E, por fim, consagrando o concurso fraterno na máxima expressão, lava os pés aos discípulos, qual se fora deles o escravo e não o orientador.

Desde então, a Terra se renova. Cada cristão abastado ou menos favorecido procura a posição que lhe cabe a fim de agir e ser útil.

Materializando o ensino do Senhor, Paulo de Tarso consome-se de fadiga, no trabalho incessante, a fim de auxiliar a todos, sem ser pesado a ninguém. E, de século a século, sob a inspiração do Amigo Celestial, o serviço é motivo de honra e merecimento, em plano cada vez mais alto, até que o homem aprenda por si mesmo a divina lição que indica por maior aquele que se fizer o servo de todos eles.



NA DIFUSÃO DO ESPIRITISMO

*"E eu rogarei ao Pai e Ele
vos dará outro Consolador,
para que fique convosco pa-
ra sempre." — Jesus.*

(João, 14:16.)

Na condição daquele Consolador prometido por Jesus à Humanidade, o Espiritismo, sem dúvida, atingirá todas as consciências.

Entretanto, à frente das múltiplas interpretações que se lhe imprimem nos mais variados núcleos humanos, de que modo esperar o cumprimento da promessa do Cristo?

Nesse sentido, recordemos os primórdios da Codificação Kardequiana. Preocupado com o mesmo assunto, Allan Kardec formulou a Questão n.º 798, de "O Livro dos Espíritos", à qual os seus Instrutores Espirituais, solícitos, responderam:

"Certamente que o Espiritismo se tornará crença geral e marcará nova era na história da Humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá,



no entanto, que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse do que contra a convicção, porquanto não há como dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como virão a ficar insulados, seus contraditores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos.”

Certifiquemo-nos, pois, de que na difusão dos princípios espíritas estamos todos em luta do bem para a extinção do mal e de que ninguém alcançará a suspirada vitória sem a vontade de aprender e a disposição de trabalhar.



AO CLARÃO DA VERDADE

“Mas quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda verdade...”
— Jesus.

(João, 16:13).

De que maneira vencerá o Espiritismo os obstáculos que se lhe agigantam à frente? Há companheiros que indagam: — “Devemos disputar saliência política ou dominar a fortuna terrestre?” Enquanto isso, outros enfatizam a ilusória necessidade da guerra verbal a greis ou pessoas.

Dentro do assunto, no entanto, transcrevamos a Questão n.º 799, de “O Livro dos Espíritos”.

Prudente e claro, Kardec formulou, aos orientadores espirituais de sua obra, a seguinte interrogação: “De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?” E, na lógica de sempre, eis que eles responderam:

“Destruindo o materialismo que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam on-



de se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos."

Não nos iludamos, com respeito às nossas tarefas. Somos todos chamados pela Bênção do Cristo a fazer luz no mundo das consciências — a começar de nós mesmos —, dissipando as trevas do materialismo ao clarão da Verdade, não pelo espírito da força, mas pela força do espírito, a expressar-se em serviço, fraternidade, entendimento e educação.



NA SEARA DO AUXÍLIO

"Suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra o outro; assim como o Cristo vos perdoou, assim fazei vós também." — Paulo.

(Colossenses, 3:13.)

Desnecessário salientar o brilho do cérebro na cúpula da Humanidade.

As nações vanguardistas do progresso material efetuam prodígios nos setores de pesquisas e definição do plano terrestre.

A universidade é um celeiro de luz para a inteligência.

O laboratório é uma nascente de respostas seguras para milenárias indagações.

Entretanto, na esfera do espírito, sobram discórdias e desesperos, desgostos e desilusão...

Todos nos referimos, inquietos, às calamidades da guerra, à proliferação do vício, aos estragos do ódio ou às deturpações da cultura, conscientes dos prejuízos e desastres que nos impõem ao caminho comum.



Assinalamos, aqui e além, lutas ideológicas, conflitos raciais, insânia e egoísmo...

Que fazemos nós, na condição de aprendizes do Cristo, para o reequilíbrio do mundo?

Achamo-nos convencidos de que a violência não extingue a violência. Além disso, não ignoramos que Jesus nos chamou, a fim de compreendermos e auxiliarmos, construirmos e reconstruirmos para o bem de todos.

Pensem nisso.

Não alegues isolamento ou pequenez para desistir do esforço edificante que nos compete.

Uma fonte humilde garante o oásis na terra seca, e apenas uma lâmpada acesa vence a força das trevas.

A harmonia do todo vem da fidelidade e do serviço de cada um.

Trabalhemos unidos pela edificação da Terra Melhor.

Começemos ou recomeçemos a nossa tarefa, baseando a própria ação no aviso de Paulo: suportando-nos uns aos outros e perdendo-nos mutuamente.



A PORTA DA PALAVRA

"Orando também juntamente por nós para que Deus nos abra a porta da palavra..." — Paulo.

(Colossenses, 4:3).

A atualidade terrestre dispõe dos mais avançados processos de comunicação entre os homens.

Num só dia, aviões sobrevoam nações diversas.

O rádio e a televisão alteram o antigo poder do espaço. Quantos milhões de criaturas, porém, se reconhecem profundamente isoladas dentro de si, ainda mesmo quando parte integrante da multidão?

Quantos seres humanos varam largos trechos da existência, expedindo apelos ao socorro espiritual de outros seres humanos, sem qualquer resposta que lhes asserene o campo emotivo?

O que mais singulariza o problema é que nem sempre vale a presença material de alguém para o auxílio de que outro alguém se reconhece necessitado. Quem sofre prefere



solidão à companhia daqueles que lhes agravam o sofrimento.

Todos nós carecemos de alívio na hora da angústia ou de apoio em momentos difíceis, e, para isso, contamos receber daqueles que nos rodeiam a frase compreensiva e conveniente. Entanto, nesse sentido, não bastará que os nossos benfeitores nos manejem corretamente o idioma ou nos identifiquem o grau de cultura. É imperioso nos conheçam os sentimentos e problemas, os ideais e realizações.

Meditemos, pois, na importância do verbo e roguemos a Deus nos inspire, a fim de encontrarmos a porta adequada à palavra certa e sermos úteis aos outros, tanto quanto esperamos que os outros sejam úteis a nós.



SINAIS DO CÉU

“Jesus lhes respondeu e disse: — Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes.”

(João, 6-26).

Como ao tempo do Cristo, numerosas pessoas se acercam dos círculos religiosos, pedindo as provas do céu.

Comumente, os católicos romanos rogam “milagres”, os espiritistas esperam “fenômenos”, os protestantes reclamam “experiências”.

Os raciocínios que chegam do exterior, entretanto, cooperam no esforço, mas não resolvem o problema da vida.

O homem está sempre rodeado de sinais do céu. A questão não é de exhibir fatos: resume-se em possuir a necessária visão espiritual para compreendê-los.

A operação mais simples da natureza revela o mecanismo sagrado que a fez surgir, na vibração do poder criador da Divindade. Mas, são



raros os homens que observam além da superfície. Eis porque, entendendo as criaturas, afirmou o Mestre que seus discípulos sinceros não o procuram pelos sinais que hajam visto, fortuitamente, mas pelo pão da vida e de bom ânimo que receberam de suas mãos generosas.

Depois de provar-lhe a excelência divina, no santuário da vida interior, compreendem que só o Cristo ensina, com eficácia, só ele sugere com sabedoria, só ele exemplifica o amor sem mácula.

Atingindo essa compreensão, o discípulo conhece que a Terra oferece muito pão para o corpo, mas que a fome da alma só o do Cristo sacia.



O FARDO

"Cada qual levará a sua própria carga". Paulo.

(Galatas, 6:5).

Quando a ilusão te fizer sentir o peso do próprio sofrimento, como sendo excessivo e injusto, recorda que não segues sozinho no grande roteiro.

Cada qual tolera a carga que lhe é própria.

Fardos existem de todos os tamanhos e de todos os feitios.

A responsabilidade do legislador.

A tortura do sacerdote.

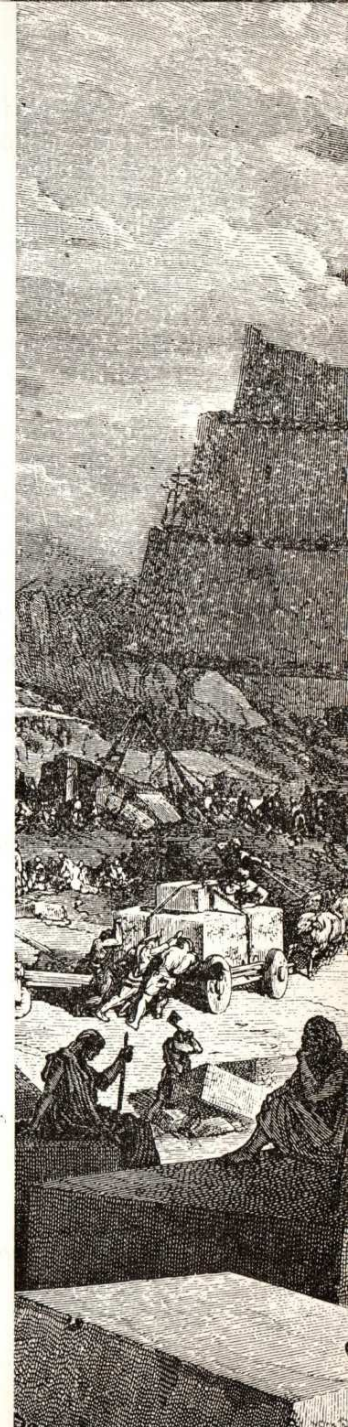
A expectativa do coração materno.

A indigência do enfermo desamparado.

O pavor da criança sem ninguém.

As chagas do corpo abatido.

Aprende a entender o serviço e a luta dos semelhantes para que te não suponhas vítima ou herói num



campo onde todos somos irmãos uns dos outros, mutuamente identificados pelas mesmas dificuldades, pelas mesmas dores e pelos mesmos sonhos.

Suporta o fardo de tuas obrigações valorosamente e caminha.

Do acervo de pedra bruta nasce o ouro puro.

Do cascalho pesado emerge o diamante.

Do fardo que transportamos de boa vontade procedem as lições de que necessitamos para a vida maior.

Dirás, talvez impulsivamente: — “E o ímpio vitorioso, o mau coroado de respeito, e o gosador indiferente? carregarão, porventura, alguma carga nos ombros?”

Responderemos, no entanto, que, provavelmente, viverão sob encargos mais pesados que os nossos, de vez que a impunidade não existe.

Se o suor te alaga a fronte e se a lágrima te visita o coração, é que a tua carga já se faz menos densa, convertendo-se, gradativamente, em luz para a tua ascensão.

Ainda que não possas marchar livremente com o teu fardo, avança com ele para a frente, mesmo que seja um milímetro por dia...

Lembra-te do madeiro afrontoso que dobrou os ombros doridos do Mestre. Sob os braços duros no lenho infamante, jaziam ocultas as asas divinas da ressurreição para a divina imortalidade.



EM EQUIPE ESPÍRITA

“Em verdade vos digo que se dois dentre vós, sobre a Terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos Céus.” — Jesus.

(Mateus, 18:19).

Aceitar-nos na condição de obreiros, chamados por Jesus a servir e servir.

Compreendermos-nos em lide como sendo uma só família na intimidade do lar, esquecendo-nos pelo rendimento da obra.

Acreditar — mas acreditar mesmo — que nada conseguiremos de bom, perante o Senhor, sem humildade e paciência, tolerância e compreensão, uns diante dos outros.

Situar a mente e o coração, na lavoura do bem comum.

Fazer o que se deve, mas prestar apoio discreto e desinteressado aos companheiros, na desincumbência das responsabilidades que lhes competem.

Associarmo-nos ao esforço ge-



ral do grupo, no cumprimento do programa de ação, traçado a benefício do próximo, sem esperar pedidos ou requisições de concurso fraterno.

Observarmos, todos nós, que nos achamos na Seara de Jesus, não porque aí estejam laços queridos ou almas abençoadas de nosso tesouro afetivo, a quem desejamos agradar e a quem realmente devemos ajudar, quanto nos seja possível, mas, acima de tudo, para trabalhar por nós e para nós mesmos, aproveitando as novas concessões que o Senhor nos fez, por acréscimo de misericórdia, a fim de que se nos melhore o gabarito espiritual, nos empreendimentos de resgate e elevação.

Caminhar para a frente, desculpando-nos com entendimento mútuo, quanto às próprias fraquezas, sem melindres e sem queixas que apenas redundam em complicações e perda de tempo.

Agir e servir, sem menosprezar as tarefas aparentemente pequeninas, como sejam: colaborar na limpeza, transmitir um recado, ouvir atenciosamente os irmãos mais necessitados que nós mesmos, ou socorrer uma criança.

Cada um de nós, na equipe de ação espírita, é peça importante nos mecanismos do bem.

Jamais esquecer-nos de que o maior gênio não consegue realizar-se sozinho, e que, por isso mesmo, Jesus nos trouxe à edificação do Reino de Deus, valorizando o princípio da interdependência e a lei da cooperação.



GRUPO EM CRISE

“Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi-reis o que quiserdes, e vos será feito”. Jesus.

(João, 15:7).

Habitualmente, quando as tarefas de uma equipe consagrada ao serviço do bem parecem devidamente estabilizadas, a crise explode.

Desequilibra-se o clima das boas obras e a tempestade ruge.

Desentendem-se irmãos na sombra da discórdia, quando mais necessária se faz a luz da harmonia.

Edificações que se figuravam consolidadas apresentam brechas arrasadoras.

Todo o esquema das realizações em andamento se mostra superficialmente comprometido.

Afastam-se companheiros de posições importantes, deixando claros difíceis de preencher.

Esses são os dias de exame, em que a ventania da crítica esbraveja em torno de nós, experimentando-nos a segurança da construção. E es-



ses são igualmente os dias para a serenidade maior. Diante deles, nada de irritação, nem desânimo.

Reunirmo-nos, mais estreitamente uns aos outros na fidelidade ao trabalho, a fim de conjurar perigos maiores, é o nosso dever.

Urge consertar a máquina de ação, como pudermos, dentro de todos os recursos lícitos, à maneira dos ferroviários que restauram a locomotiva descarrilada e, depois de colocá-la em condições de serviço nos trilhos justos, seguir para a frente.

Nem acusações, nem lamentos.

Trabalhar com mais ardor, esquecendo o mal e lembrando o bem.

Restabelecer a união e avançar adiante.

Compreender que as horas para a fé não são aquelas do Sol rutilando no firmamento azul, mas precisamente aquelas outras em que as nuvens despejam ameaças de algum lugar do céu.

Todos encontramos dificuldades no caminho em que transitamos.

Sempre que chamados a servir, é forçoso recordar que estamos carregando encargos que a Divina Providência nos confiou, no bem de todos. E, cuidando de satisfazer aos Desígnios de Deus, sejam quais forem os riscos e tropeços com que sejamos defrontados, estejamos convencidos de que Deus cuidará de nós.



RECLAMAR MENOS

Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei e os profetas". — Jesus.

(Mateus, 7:12)

Para extinguir a cultura do ódio nas áreas do mundo, imaginemos como seria melhor a vida na Terra se todos cumpríssemos fielmente o compromisso de reclamar menos.

Quantas vezes nos maltratamos reciprocamente tão-só por exigir que se realize de certa forma aquilo que os outros só conseguem fazer de outra maneira! De atritos mínimos, então partimos para atitudes extremas. Nessas circunstâncias, costumamos recusar atenção e cortesia até mesmo àqueles a quem mais devemos consideração e amor; implantamos a animosidade onde a harmonia reinava antes; instalamos o pessimismo com a formulação de queixa desnecessária ou criamos obstáculos onde as grandes realizações poderiam ter sido tão fáceis. Tudo porque não de-



sistimos de reclamar — na maioria das ocasiões — por simples bagatelas.

De modo geral, as reivindicações e desinteligências repontam, mais freqüentemente, entre aqueles que a Sabedoria Divina reuniu com os mais altos objetivos na edificação do bem, seja no círculo doméstico, seja no grupo de serviço ou de ideal. Por isso mesmo, os conflitos e reprovações aparecem quase sempre no mundo, nas faixas de ação a que somos levados para ajudar e compreender. Censuras entre esposo e esposa, pais e filhos, irmãos e amigos. De pequenas brechas se desenvolvem os desastres morais que comprometem a vida comunitária, desentendimentos, rixas, perturbações e acusações.

Dediquemos à solução do problema as nossas melhores forças, buscando esquecer-nos, de modo a sermos mais úteis aos que nos cercam, e estejamos convencidos de que a segurança e o êxito de quaisquer receitas de progresso e elevação solicitam de nós a justa fidelidade ao programa que a vida estabelece em toda parte, a favor de nós todos: reclamar menos e servir mais.



NOS CAMINHOS DA FÉ

"Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos Céus." Jesus.

(Mateus, 10:32).

No mundo, de modo geral, habituamo-nos a julgar que os testemunhos de fé prevalecem tão-só nos momentos de angústia superlativa, quando o sofrimento nos transforma em alvo de atenções públicas.

Evidentemente, na Terra, as crises de aflição alcançam a todos, cada qual no tempo devido, segundo as lutas regeneradoras que se nos façam necessárias, no curso das quais estamos impelidos a entregar todas as energias de nosso espírito nos atos de fé. Entretanto, é preciso ponderar que somos incessantemente chamados a prestar o depoimento de confiança em Jesus, através de reduzidas parcelas de bondade e tolerância, compreensão e paciência, diante das ocorrências desagradáveis do cotidiano, tais quais sejam: a referência desprimorosa;



o olhar de suspeição;
o pedido justo recusado;
o beliscão da crítica;
a desatenção e o desrespeito;
o desajuste orgânico;
o prejuízo inesperado;
a transação infeliz;
o desafio da discórdia.

Impõe-se-nos a obrigação de confessar-nos seguidores do Cristo, por intermédio de definições verbais claras e sinceras, mas somos igualmente convidados a fazê-lo, na superação dos aborrecimentos comuns, porquanto, só atravessando as diminutas contrariedades do dia-a-dia como grandes ocasiões de revelar confiança em Jesus, é que aprenderemos a suportar as grandes provações como se fossem pequenas.



NO GRUPO ESPÍRITA

"Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles". — Jesus.

(Mateus, 18:20.)

Compreendendo-se que cada obreiro da seara espírita cristã se incumba de tarefa específica, é forçoso indagar, de quando em quando, a nós mesmos, o que somos, no grupo de trabalho a que pertencemos:

Uma chave de solução nos obstáculos ou um elemento que os agrava?

Um companheiro assíduo às lições ou um assistente que, por desfastio, aparece, de vez em vez?

Um amigo que compreende e ajuda ou um crítico inveterado que tudo complica ou desaprova?

Um bálsamo que restaura ou um cáustico que envenena?

Um enfermeiro consagrado ao bem da comunidade ou um doente que deva ser tolerado e tratado pelos demais?



Um manancial de auxílio ou uma charneca deserta sem benefícios para ninguém?

Um apoio nas boas obras ou uma brecha para a influência do mal?

Uma planta frutífera ou um parasito destruidor?

Um esteio da paz ou um veículo da discórdia?

Uma bênção ou um problema?

Façamos semelhante observação e verificaremos, sem dificuldade, se estamos simplesmente na Doutrina Espírita ou se a Doutrina Espírita já está claramente em nós.



NA SEARA MEDIÚNICA

“Vós sois o sal da Terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor?” — Jesus.

(Mateus, 5:13.)

Todo médium, trazido à seara espírita cristã, para fins determinados, está obedecendo, de maneira indireta aos desígnios dos Mensageiros de Jesus, que conferem recursos e oportunidades de trabalho a cada um conforme as suas aptidões e necessidades.

Situado entre os irmãos encarnados que lhe pedem amparo e os benfeitores desencarnados que lhe esperam a colaboração, é razoável pergunte cada mediano a si próprio na esfera dos serviços consagrados ao bem:

Um operário fiel ao dever ou um amigo desprevenido de responsabilidade que aparece na oficina, apenas de quando em quando, com evidente menosprezo dos compromissos assumidos?

Uma fonte de paciência ou um espinheiro de irritação?



Um engenho pronto para entrar em atividade ou um aparelho destrambelhado, habitualmente reclamando conserto?

Um colaborador das boas obras ou um agente de pessimismo, congelando as energias do grupo?

Um instrumento do bem ou um canal para as influências menos felizes?

Um companheiro no auxílio aos outros ou um tarefeiro que somente busca as próprias obrigações, quando a enfermidade ou a provação lhe batem à porta?

Um tronco para esteio firme dos irmãos que passam cansados e sofredores, nos caminhos da vida, ou uma sensitiva que se fecha em melindres, ao toque da primeira contrariedade?

Uma alavanca de apoio ou uma escora sem qualquer resistência?

Pergunte o médium a si mesmo o que representa ele na equipe de ação, que foi chamado a integrar, e reconhecerá facilmente o que tem sido e o que pode ser, à frente do próximo, a fim de que os talentos mediúnicos, por empréstimos do Senhor, não lhe brilhem na vida em vão.



QUESTÕES DO COTIDIANO

"... E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal..." — Jesus.

(Mateus, 6:13.)

Se fomos injustamente desconsiderados por alguém, não será mais razoável deixar esse alguém com a revisão do gesto irrefletido, ao invés de formularmos exigências, nas quais viremos talvez unicamente a perder a própria tranquilidade?

Se fomos ofendidos, porque não nos colocarmos, por suposição, no lugar daquele que nos fere, a fim de enumerar as nossas vantagens e observar, com silencioso respeito, os prejuízos que lhe dilapidam a existência?

Se incompreendidos, não será mais aconselhável empregar o tempo, trabalhando na execução dos deveres que esposamos, ao invés de fazer barulho para descerrar prematuramente a visão dos outros, às vezes com agravo de nossos problemas?

Se criticados, em razão de erros



nos quais tenhamos incorrido, por que não nos resignarmos às próprias deficiências, retomando o caminho reto, sem reações e provocações que somente dificultariam a nossa caminhada para a frente?

Se abatidos na provação ou na enfermidade, porque insurgir-nos contra as circunstâncias temporariamente menos felizes a que nos encadeamos, desprezando as oportunidades de elevação, em nosso próprio favor?

Em quaisquer lances difíceis do cotidiano, adotemos serenidade e tolerância, as duas forças básicas da paciência, porquanto, se não prescindimos da fé raciocinada, para não cairmos na cegueira do fanatismo, precisamos da paciência, meditação e auto-análise, a fim de que não venhamos a tombar nos desvarios da inquietação.



NA ESCOLA DIÁRIA

"Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados..." — Jesus.

(Mateus, 6:34)

A paciência em si não se resume à placidez externa que estampa serenidade na face e conserva o pensamento atormentado e convulso.

Indubitavelmente, semelhante esforço da criatura, na superfície das manifestações que lhe dizem respeito, é o primeiro degrau da paciência e deve ser louvado pelo bem que espalha.

Paciência real, entretanto, não é feita de emoções negativas dificilmente refreadas no peito e suscetíveis de explosão. Tolerância autêntica descende da compreensão e todos possuímos, no íntimo, todo um arsenal de raciocínios lógicos, a fim de garantí-la por cidadela de paz na vida interior.

Em qualquer dificuldade com que sejamos defrontados, não aufferemos efetivamente qualquer lucro,



em nos impacientarmos, conturbando ou destruindo a própria resistência.

Muito aluno digno perde a prova em que se acha incurso no ensino, não pela feição do problema proposto e sim pela própria excitabilidade na hora justa da promoção.

Recordemos que a vida é sempre uma grande escola.

Cada criatura estagia no aprendizado de que necessita e cada aprendizado é clima de trabalho com oportunidade de melhoria.

Desespero é desgastes.

Irritação é prejuízo antes do ajuste.

Reflete nisso e, à frente de quaisquer empecos, acalma-te para pensar e pensa o bastante, a fim de que possas acertar com a vida e servir para o bem.



OPOSIÇÕES

"Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem." — Jesus.

(Mateus, 5:44.)

Imperioso modifique a própria conceituação, em torno do *adversário*, a fim de que se te apague da mente, em definitivo, o fogo da aversão.

Isso porque o suposto ofensor pode ser alguém:

que age sob a compulsão de grave processo obsessivo;

que se encontra sob o guante da enfermidade e, por isso, inabilitado a comportar-se corretamente;

que experimenta deploráveis enganos e se acomoda na insensatez;

que não pode enxergar a vida no ângulo em que a observas.

E que nenhum de nós encontre motivos para lhe reprovar o desajuste, porquanto nós todos somos ainda suscetíveis de incorrer em falhas lamentáveis, como sejam:

cair sob a influência perturba-



dora de criaturas a quem dediquemos afeições sem o necessário equilíbrio;

iludir-nos a nosso próprio respeito, quando não pratiquemos o regime salutar da autocrítica;

entrar em calamitoso desequilíbrio por efeito de capricho momentâneo;

assumir atitudes menos felizes por deficiência de evolução, à frente de companheiros em posições mais elevada que a nossa.

Em síntese, para sermos desculpados, é preciso desculpar.

Reflitamos na absoluta impropriedade de qualquer ressentimento e recordemos a advertência de Jesus, quando nos recomendou a oração pelos que nos perseguem. O Mestre, na essência, não nos impelia tão-só a beneficiar os que nos firam, mas igualmente a proteger a sanidade mental do grupo, em que fomos chamados a atuar e servir, imunizando os companheiros, relativamente ao contágio da mágoa, e frustrando a epidemia da queixa, sustentando a tranquilidade e a confiança dos outros, tanto no amparo a eles quanto a nós.



OBSESSÕES

"... E não nos deixes cair em tentação mas livra-nos do mal" — Jesus.

(Mateus, 6:13.)

Nem sempre conseguimos perceber.

Os processos obsessivos, vastas vezes, porém, principiam de bagatelas:

O olhar de desconfiança...

Um grito de cólera...

Uma frase pejorativa...

A ponta de sarcasmo...

O momento de irritação...

A tristeza sem motivo...

O instante de impaciência...

A indisposição descontrolada...

Estabelecida a ligação com as sombras por semelhantes tomadas de invigilância, eis que surgem as grandes brechas na organização da vida ou na moradia da alma:

A desarmonia em casa...

A discórdia no grupo da ação...

O fogo da crítica...

O veneno da queixa...



A doença imaginária...
A rede da intriga...
A treva do ressentimento...
A discussão infeliz...
O afastamento de companheiros...
A rixa sem propósito...

As obsessões que envolvem individualidades e equipes quase sempre partem de inconveniências pequeninas que devem ser evitadas, qual se procede com o minúsculo foco de infecção. Para isso, dispomos todos de recursos infalíveis, quais sejam a dieta do silêncio, a vacina da tolerância, o detergente do trabalho e o antisséptico da oração.



ELOGIOS E CRÍTICAS

"Toda boa dádiva e todo dom perfeito e lá do Alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança". — Tiago.

(Tiago, 1:17)

Se o Sol dependesse da aprovação humana para alimentar a vida que se lhe gravita em derredor, certo que, desde muito, estaria reduzido a montão de cinzas.

*

Se a Terra sofresse com as censuras que lhe são constantemente desfechadas por todos aqueles que a categorizam por vale de lágrimas, já teria descido à condição de um cemitério no Espaço.

*

Se a semente rejeitasse a solidão e a morte a que se vê relegada no solo, a fim de colaborar no sustento do mundo, as criaturas estariam, há muito tempo, sem a benção do pão.

*

Se a fonte recusasse o regime



de mudança incessante e permanente em que é chamada a servir, a vida organizada na Terra se mostraria confinada a primitivismo e estagnação.

*

Se a árvore só produzisse sob aplausos, o fruto não abençoaria a mesa dos homens.

*

Obreiros da Verdade e do Bem, reflitamos nas lições simples da Natureza e trabalhemos.

Agradecei o louvor que vos fortalece para o desempenho das obrigações naturais do mundo e aproveitai com resignação a advertência que a crítica vos dê. Entretanto, se precisamos de elogio para trabalhar e se a admoestação nos paralisa as faculdades de servir, estamos ainda longe de compreender o tesouro das oportunidades de aprimoramento e elevação que nos enriquece os caminhos, de vez que, acima de tudo, a bênção que nos reconforta, a luz que nos clareia a estrada, a força que nos sustenta e o apoio que nos escora chegam sempre de Mais Alto e procedem, originariamente e tão-somente de Deus.



CARIDADE DA PAZ

“Bem-aventurados os pacificadores...” — Jesus.

(Mateus, 5:9.)

Um tipo de beneficência ao alcance de todos e que não se deve esquecer — ocultar os próprios aborrecimentos, a fim de auxiliar.

*

É provável hajais iniciado o dia, sob a intromissão de contratempos que te espancaram a alma. À vista disso, se exhibes a figura da mágoa, na palavra ou na face, ei-la que se expande, à feição de tóxico mental, atacando a todos os que se deixem contagiar.

E qual acontece, quando a poeira grossa te invade o reduto doméstico, obrigando-te à recuperação e limpeza, após te desequilibrares em aspereza e irritação, reconhece-te no dever de reparar os danos havidos, despendendo força e diligência em solicitar desculpas e refazer os próprios brios, aqui e alí, como quem se empenha a suprimir os remanescentes de laboriosa faxina.



Se te alteias, no entanto, acima de desgostos e inquietações, mantendo tranqüilidade e bom ânimo, para logo a tua mensagem de otimismo e renovação prossegue adiante, de modo a espalhar bênçãos e criar energias angariando-te simpatia e cooperação.

*

Os estados negativos da mente, como sejam tristeza e azedume, angústia ou inconformidade, constituem sombras que o entendimento e a bondade são chamados a dissipar.

Recordemos o donativo da paz que a todos nos compete distribuir, a benefício dos outros, evitando solenizar obstáculos e conflitos, aflições ou desencantos, que nos surpreendem a marcha. E permaneçamos claramente informados de que a única fórmula para o exercício dessa beneficência da paz, em louvor de nossa própria segurança, será sempre esquecer o mal e fazer o bem, porquanto, em verdade, tão-somente a criatura consagrada a trabalhar, servindo ao próximo, não dispõe de recursos para entediar-se e nem encontra tempo para ser infeliz.



O NECESSÁRIO

"Mas uma só coisa é necessária" — Jesus.

(Lucas, 10:42).

Terás muitos negócios próximos ou remotos, mas não poderás subtrair-lhes o caráter de lição, porque a morte te descerrará realidades, com as quais nem sonhas de leve...

Administrarás variados interesses, entretanto, não poderás controlar todos os ângulos do serviço, de vez que a maldade e a indiferença se insinuam em todas as tarefas, prejudicando o raio de ação de todos os missionários da elevação.

Amealharás enorme fortuna, todavia, ignorarás, por muitos anos, a que região da vida te conduzirá o dinheiro.

Improvisarás preciosos discursos, contudo, desconheces as conseqüências de tuas palavras.

Organizarás grande movimento em derredor de teus passos, no entanto, se não construíres algo dentro dele para o bem legítimo, cansar-te-ás em vão.



Experimentarás muitas dores, mas se não permaneceres vigilante no aproveitamento da luta, teus dissabores correrão inúteis.

Exaltarás o direito com o verbo indignado e ardoroso, todavia, é provável não estejas senão estimulando a indisciplina e a ociosidade de muitos.

“Uma só coisa é necessária”, asseverou o Mestre, em sua lição a Marta, cooperadora ativa e dedicada.

Jesus desejava dizer que, acima de tudo, compete-nos guardar, dentro de nós mesmos, uma atitude adequada, ante os desígnios do Todo-Poderoso, avançando segundo o roteiro que nos traçou a Divina Lei. Realizado esse “necessário”, cada acontecimento, cada pessoa e cada coisa se ajustarão, a nossos olhos, no lugar que lhes é próprio. Sem essa posição espiritual de sintonia com o Celeste instrutor, é muito difícil agir alguém com proveito.



MANDATO PESSOAL

“Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu...” — Pedro.

(I Pedro, 4:10.)

Forçoso consideres o valor da tarefa em tuas mãos.

Ela se define por mandato do Alto, desígnio de Deus em ti e junto de ti.

Indubitavelmente, é preciso nos acomodemos à convicção de que nada somos e nem realizamos sem Deus. Isso, porém, não nos exonera da obrigação de anotar o sentido particular das responsabilidades que nos foram concedidas.

De modo algum desejamos induzir-nos à hipertrofia da personalidade, quando tudo nos determina a extinção da vaidade e do orgulho. Reflete, entretanto, nos créditos individuais de que a Providência Divina te enriqueceu.

Qual ocorre às impressões digitais que te identificam, a tua voz é diferente de todas as demais; as tuas



mãos guardam peculiaridades distintas; enxergas e ouves com recursos mentais de interpretação absolutamente diversos de todos aqueles que povoam o cérebro alheio e mostras vocação de que outros não dispõem.

Consideremos tudo isso para reconhecer que nos foi atribuída a cada um determinada área de ação, na qual o serviço que se nos designa, uns à frente dos outros, se reveste da maior significação, tanto para aqueles a quem nos cabe servir, quanto para nós.

Pondera, assim, na importância das obrigações que a vida te confere, observando que Deus te esculpiu como não esculpiu a mais ninguém.



TEUS ENCARGOS

"... Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celestial". — Jesus.

(Mateus, 5:48).

Cada qual de nós, conforme as leis que nos regem, se encontra hoje, no lugar certo, com as criaturas adequadas e nas circunstâncias justas, necessárias ao trabalho que nos compete efetuar, na pauta de nosso próprio merecimento.

Observa os encargos que te honrificam a existência como sendo, desse modo, atividades de alta significação em teu benefício, porquanto se erigem todos eles em tope de realização a que, por enquanto, te podes consagrar.

Seja em casa ou na oficina, no grupo de serviço ou na tela social, és uma peça consciente na estrutura da vida, desfrutando a possibilidade de criar, agir, colaborar e fazer, na elevação da própria vida.

"Sede perfeitos como é perfeito nosso Pai Celestial" — exortou-nos Jesus.



Pensem-nos nisso, melhorando-nos sempre.

Sem dúvida que outros conseguem substituir-te no trabalho a que te entrosas; no entanto, em se tratando de ti, é justo recordes que Deus nos fez a todos, espíritos imortais com o dever de aprimorar-nos até que venhamos a identificar-nos inteiramente com o seu Infinito Amor, conservando embora, em todo tempo e em qualquer parte, a prerrogativa de seres inconfundíveis da Criação.

Teus encargos — tuas possibilidades de acesso a planos superiores.

Realmente nós — os espíritos em evolução nas vias terrestres — estamos ainda muito distantes da angelitude; entretanto, cada um de nós, onde estiver, poderá, desde agora, começar a ser bom.



DIREITO

"E qualquer que tiver dado só que seja um copo d'água fria a um destes pequenos, como meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão." — Jesus.

(Mateus, 10:42.)

Dever cumprido é raiz do direito conquistado: entretanto, em todas as circunstâncias da vida, identificamos os mais diferentes direitos.

Tens o direito de pedir, onde emprestas generosidade e colaboração, mas desconheces até que ponto as tuas solicitações são capazes de tisonar as fontes da espontaneidade ou podar os interesses alheios.

Usufruis o direito de advertir nos setores em que trazes o encargo de ensinar; contudo, é preciso hajas adquirido imenso patrimônio de amor para que a tua correção não se transforme em ofensa ou desencorajamento nos outros.

Guardas o direito de analisar; todavia, se ainda não entesouraste bastante experiência para compreen-



der, é possível que a observação exagerada te leve à secura.

Deténs o direito de corrigir construtivamente na esfera das responsabilidades pessoais que te honorificam a vida; no entanto, por mais que a verdade te brilhe no verbo, se te falha bondade para acalentar a esperança, a tua palavra se erguerá por martelo endereçado à destruição.

Dispões do direito de reclamar onde entregas a tua parcela de esforço no levantamento do bem de todos, mas ignoras o limite depois do qual as tuas reivindicações são suscetíveis de ferir esse ou aquele companheiro, em posição mais desvantajosa que a tua.

Em todo tempo e em qualquer parte, porém, desfrutamos o direito maior de todos, aquele que nunca nos frustra as possibilidades de melhoria e que sempre nos abre as portas da felicidade na convivência, uns com os outros aquele em cujo exercício jamais lesaremos a quem quer que seja: o direito que nomearemos como sendo para todos nós, os filhos de Deus, o privilégio de servir.



FORÇA

"O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei". — Jesus.

(João, 15:12.)

Existem na vida força e força.

A força da gravitação se exerce verso e, conquanto equilibre os mundos na Imensidade Cósmica, não cria o menor vínculo de compreensão fraternal na intimidade do ser.

A força elétrica move guindastes de grande porte, mas, embora sustente máquinas de assombroso poder, transportando toneladas, não diminui, nem mesmo de leve, o peso da angústia no coração.

A força executiva determina a obediência aos textos legais, e se logra, muitas vezes, influenciar milhares de destinos, nem sempre consegue modificar no espírito essa ou aquela íntima decisão.

A força física preside campeonatos de habilidade e robustez, conseguindo subjugar adversários até



Dora

mesmo no terreno da agressão e da violência, mas não clareia o menor dos distritos no campo do sentimento.

A força das forças, porém, aquela que sublima os astros e alimenta motores para o bem, que dirige para o bem, que encaminha a autoridade para a misericórdia e aciona os braços no serviço aos semelhantes — a única que penetra a alma e lhe orienta os impulsos na direção da felicidade e da paz, da elevação e do entendimento — é a força do amor.



TEU CONCURSO

“Como livres e não tendo a liberdade por cobertura de malícia, mas como servos de Deus”. — Pedro.

(I Pedro, 2:16.)

Observa o amparo de Deus, constantemente ao redor de teus passos, mas, muito especialmente, quando inibição ou esgotamento te espreitam.

Supunhas-te incapaz de suportar, valorosamente, determinada mudança na própria vida; entretanto, acolheste com paciência o impositivo da transformação necessária e uma força imponderável te restituiu a paz com o desejo de tarefas mais amplas na edificação da própria felicidade.

Julgavas-te sem recursos para resolver certo problema; no entanto, permaneceste firme no exato desempenho dos compromissos que o mundo te deu e, sem que percebesses, agentes invisíveis te apagaram as preocupações, afastando a questão que te apoquentava.



Temias a impossibilidade de atender a obrigações que inesperados acontecimentos te impuseram e que se te figuraram sumamente difíceis; todavia, foste fiel ao trabalho que a existência te confiou e escoras intangíveis te sustentaram para desempenhá-las, investindo-te na alegria da consciência que preside as vitórias do coração.

Receavas versar esse ou aquele tema edificante em público, acreditando-te sem possibilidades para tanto; contudo, aceitaste o dever de falar por amor aos companheiros da Humanidade e o auxílio espiritual te brilhou no pensamento e no verbo, facultando-te o conforto de transmitir esperança e paz, a benefício do próximo, pelos fios da inspiração.

Certifica-te, desse modo, quão importante se faz a tua parte nessa ou naquela realização, perante a vida.

A Providência Divina te concede meios, acima de tuas forças, a fim de que colabores na construção do bem de todos, por livre vontade e não de espírito escravizado ao jugo das circunstâncias.

Em síntese, Deus te ajuda para que te ajudes, e dar-te-á sempre o auxílio máximo, desde que não faltes com o teu concurso no desenvolvimento e no aperfeiçoamento da Obra da Criação, pelo menos com o mínimo do que sabes, podes e deves fazer.



DO LADO DE DEUS

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." — Jesus.

(João, 3:16.)

Ainda que muita gente haja adicionado parcelas do mal, na definição desse ou daquele acontecimento menos feliz, não sigas a corrente condenatória e faze por tua conta o lançamento do bem.

Por muito se atribua à Divina Providência juízos fulminativos, ante os erros dos homens, e embora nos reconheçamos retificados em nossos desvios pela Justiça Perfeita, Deus é o Perfeito Amor, garantindo-nos segurança e equilíbrio.

Basta ligeiro olhar no campo humano para certificar-nos quanto a isso.

Escolas dissipam as trevas da ignorância.

Trabalho suprime tédio e insipiência.

Máquinas diminuem esforço.



Veículos eliminam distâncias.

A Ciência, a cada dia novo, reduz cada vez mais o poder da enfermidade, neutralizando o sofrimento.

E, tanto quanto possível, conforme os desígnios da lei das reparações necessárias, essa mesma Ciência, mobilizando recursos diversos, afasta a cegueira e a surdez, extingue inibições, oferece agentes mecânicos aos mutilados e corrige, pela plástica cirúrgica, certos tipos de expiação quando os interessados já fazem por merecer a cessação da prova que os aflige.

Assim como vemos o Sol atuando continuamente na massa planetária, tudo reconstituindo em louvor da harmonia e da evolução, igualmente encontramos o Amor Onipresente que dirige o Universo, tudo refazendo a benefício do burilamento e da felicidade de todas as criaturas.

Em qualquer circunstância, aparentemente desfavorável, não te fixes no mal, seja ele qual for. Reconhecendo que Deus está ao lado de todos, procura o bem, faz o bem, salienta o bem e segue o bem, porquanto somente assim estaremos nós realmente do lado de Deus.



ESCOLHAS

"Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor..." — Jesus.

(João, 15:10).

Quem observa o mal e o remédio contra o mal, nos campos de provação do mundo, é naturalmente induzido a refletir no pensamento livre e nos recursos neutros que nos cercam.

Vejamos alguns deles.

Com a pedra tanto se pode ferir ou injuriar quanto edificar ou esculpir.

A criatura é livre para usar o fogo de maneiras diversas, como sejam extinguir o frio, afastar as trevas, preparar o próprio alimento, condicionar a matéria, ou destruir através do incêndio.

Da morfina que se extrai, na Terra, o alívio do enfermo, retira-se igualmente a dose de veneno sutil que dilapida as energias orgânicas de quem se compraz no abuso do entorpecente.



Nas mãos do homem, o dinheiro é trabalho ou inércia dourada, educação ou desequilíbrio, beneficência ou sovinice, bondade ou violência, prosperidade ou penúria.

A força atômica é suscetível de garantir o brilho do conforto e da indústria, tanto quanto é capaz de ser manejada por morticínio e arrasamento.

Assim também acontece com os tesouros do tempo, rigorosamente iguais para todas as criaturas, segundo o critério da Eterna Justiça. A hora do chefe e do subordinado, do homem culto e do homem menos culto, da pessoa transitoriamente mais favorecida ou menos favorecida de recursos materiais, é matematicamente constituída de sessenta minutos. Somar semelhante valor ao bem ou ao mal, melhorando condições ou agravando problemas, em nossa própria vida, será sempre questão de atitude pertinente a nós mesmos.



NA EXPERIÊNCIA DIÁRIA

"Isto vos mando, que vos ameis uns aos outros." — Jesus.

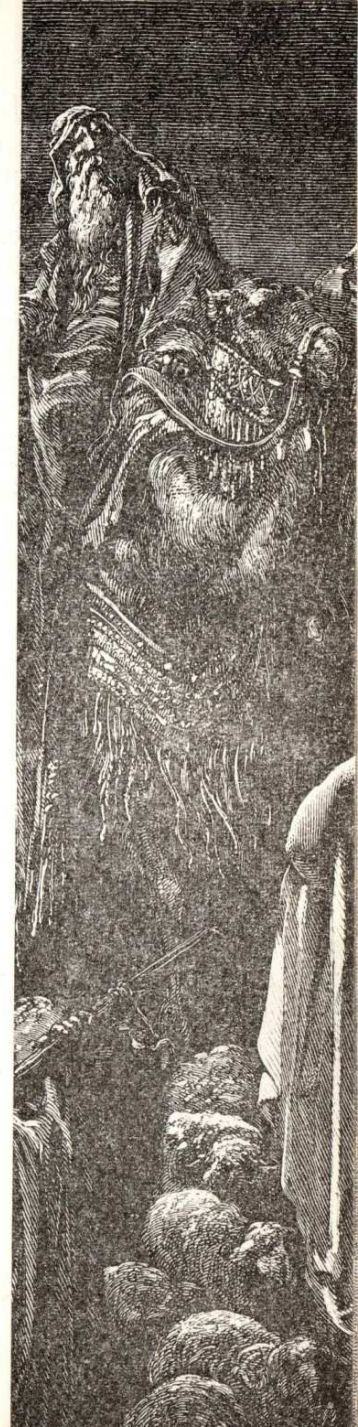
(João, 15:17).

Sem compaixão, o amor não entraria em parte alguma, a fim de cumprir a divina missão que a sabedoria da vida lhe atribui.

É necessário, entretanto, que a compaixão se desloque do ambiente dos que sofrem para atingir também o círculo dos que fazem o sofrimento.

Compadecer-te-ás dos que se afligem sob o guante da penúria; todavia, pedirás igualmente a Deus ilumine quantos se apaixonaram pelo supérfluo, esquecendo os que carecem do necessário.

Estenderás socorredoras mãos aos que tombam sob os golpes da delinqüência; no entanto, solicitarás a misericórdia dos Céus, a benefício dos que promovem o crime, desconhecendo quanto lhes custará em aflições e lágrimas a noite de reparação a que se largaram, desprevenidos.



Auxiliarás os espoliados, que se viram desvalidos pela agressão moral de que foram vítimas; contudo, exorás o amparo do Senhor para quantos lhes armaram as ciladas de angústia, ignorando que articularam armadilhas de expiação contra si próprios.

Enxugarás o pranto de todos os que choram, sob a provação de todas as procedências, mas não te esquecerás de orar em auxílio dos que estabelecem o desequilíbrio dos outros, porquanto eles todos acabarão reconhecendo que unicamente acumularam perturbação e conflito em desfavor deles mesmos.

Em qualquer circunstância difícil, campadece-te e serve sempre, recordando que todos somos espíritos eternos, que colheremos, inevitavelmente, os resultados de nossas próprias obras e de que apenas o bem dissolve o mal, tanto quanto a treva tão-só se extingue ante as bênçãos da luz.



ACÇÃO E PRECE

"Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrirem-se-vos-á" — Jesus.

(Mateus, 7:7.)

Prece é orientação.

Serviço é merecimento.

Prece é luz.

Serviço é bênção.

Muitos irmãos rogam o auxílio do Céu, trancando, porém, o coração ao auxílio em favor dos companheiros que lhes solicitam apoio e cooperação na Terra.

A evolução, no entanto, em qualquer território da vida, é entretecida em bases de intercâmbio.

O lavrador retém o solo e os elementos da natureza, mas, se aspira a alcançar os pródigos da colheita, deve plantar.

O artista possui a pedra e os instrumentos com que lhe possa alterar a estrutura, mas, se quer a obra-prima, há que burilá-la com atenção.

No versículo sétimo do capítulo sete dos apontamentos do após-



tolo Mateus, no Evangelho, diz-nos Jesus: "Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á."

Em linguagem de todos os tempos, isto quer dizer; desejai ardentemente e as oportunidades aparecerão; empenhai-vos a encontrar o objeto de vossos anseios e tê-lo-eis à vista; todavia, é preciso combater o bom combate, trabalhar, agir e servir, para que se vos descerrem os horizontes e as realizações que demandais.

Semelhantes princípios regem as leis da prece.

A oração ampara sempre; no entanto, se o interessado em proteção e socorro não lhe prestigia a influência, ajudando-lhe a ação, a benefício dos seus próprios efeitos, de certo que não funciona.



VONTADE E RENOVAÇÃO

"Não vos escrevi porque não saibais a verdade, mas porque a sabeis..." — João.

(I João, 2:21).

Evidentemente, o espírito encarnado surpreende na vida física muitas dificuldades que não consegue evitar, sejam as que se originam dos constrangimentos educativos da evolução, sejam aquelas outras que se lhe vinculam à liquidação dos desajustes por ele próprio perpetrados, em existências anteriores.

Ponderemos, no entanto, que muito mais numerosas são as dificuldades outras que ele mesmo cria, no trato da experiência comum, agravando o acervo dos compromissos menos felizes que carrega para a frente, na jornada espiritual.

Esse, em conseqüência de deslizes no pretérito, traz determinadas peças orgânicas em condições delicadas; entretanto, se persiste abusando das próprias forças, de que



forma se lhe socorrer a saúde? Outro se revela, no dia-a-dia, por exagerada agressividade, e, por isso mesmo, como subtraí-lo ao perigo se acalenta declarada inclinação ao desastre? Muitos anseiam por ternura e calor humano, transformando-se em azedume e incompreensão para os melhores amigos...

Queremos todos a felicidade e a paz; todavia, é preciso reconhecer que a paz e a felicidade se nos levantam do íntimo.

Eis porque as lições do Evangelho — desde que aceitemos Jesus por Mestre — nos percutem a inteligência, a todos os instantes da vida, não porque desconhecamos a verdade, mas justamente porque não a ignoramos, já que nos achamos informados de que, para sanar débitos e desacertos, é forçoso que a nossa vontade funcione, sem o que será sempre impossível qualquer ação em nós mesmos, no sentido de corrigir ou de resgatar.



NAS DIRETRIZES DO EVANGELHO

“Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis”. — Jesus.

(Mateus, 7:20).

O Senhor não nos induziu a conhecer o valor da árvore pelas exterioridades ou dificuldades de sua vinculação com a terra.

Não pela configuração morfológica do tronco.

Nem pelo tecido da folhagem.

Nem pelas flores.

Não mandou se lhe pesquisasse os defeitos de apresentação, muitas vezes criados pela fúria das tempestades que o exame posterior dos melhores botânicos não consegue determinar.

Nem recomendou se lhe fixassem as desvantagens causadas pelos insetos que lhe carcomem as energias e que os obreiros do bem saberão extirpar, a preço de amor.

Nem exigiu se inventariasse o número dos viajores que lhe espancaram ou quebraram os ramos, a fim de se lhe apropriarem dos recursos.



O Mestre apenas anunciou que a árvore será sempre conhecida pelos frutos.

Quando as circunstâncias nos impelirem a julgar ou analisar os irmãos de experiência e caminho, esqueçamos as figurações passageiras que repontem no lado externo da vida e recordemos o ensino de Jesus: "Pelos frutos os conhecereis".



O SERVO DO SENHOR

*"Eles não são do mundo
como também eu não sou".
— Jesus.*

(João, 17:16).

O servo do Senhor é claramente conhecido na seara ativa do Senhor, mas, se aspiramos a caracterizá-lo no mundo, é fácil reconhecer-lhe a presença em seus traços essenciais:

vive no mundo sem agarrar-se ao mundo;

age sem apego;

ilumina sem alarde;

convence trabalhando;

atravessa o tumulto, construindo em silêncio;

iniuriado, esquece;

advertido, aproveita;

considera o passado, apontando o futuro;

renova sem crítica;

perdoa sem jactância;

sofre sem queixa;

carrega fardos pesados, sem pretensão de virtude;



socorre espontaneamente;
fala, edificando;
eleva-se, elevando os outros;
colabora, olvidando a si mesmo, em louvor do interesse geral;

espera, fazendo o melhor que pode;
corrige, abençoando;
educa, amparando sempre.

Em suma, quem se dedica ao Senhor, entrega-se-lhe ao bendito poder, como é, onde está, com o que tem e com quem convive, e persevera na execução incessante da obra do Senhor, sem perguntar como, onde, quanto ou com quem deve trabalhar para realmente servir.



A PORTA DIVINA

*"Eu sou a porta; se alguém
entrar por mim, salvar-se-á".
Jesus.*

(João, 10:9).

Nos caminhos da vida, cada companheiro portador de expressão intelectual um pouco mais alta, converte-se naturalmente em voz imperiosa para os nossos ouvidos. E cada pessoa que segue à frente de nós abre portas ao nosso espírito.

Os inconformados abrem estradas à rebelião e à indisciplina.

Os velhacos oferecem passagem para o cativo em que exerçam dominação.

Os escritores de futilidades fornecem passaporte para a província do tempo perdido.

Os maledicentes encaminham quem os ouve à fontes envenenadas.

Os viciosos quebram as barreiras benéficas do respeito fraternal, desvendando despenhadeiros onde o perigo é incessante.

Os preguiçosos conduzem à guerra contra o trabalho construtivo.



Os perversos escancaram os precipícios do crime.

Ainda que não percebas, várias pessoas te abrem portas, cada dia, através da palavra falada ou escrita, da ação ou do exemplo.

Examina onde entras com o sagrado depósito da confiança. Muita vez, perderás longo tempo para retomar o caminho que te é próprio.

Não nos esqueçamos de que Jesus é a única porta de verdadeira libertação.

Através de muitas estações no campo da humanidade, é provável recebamos proveitosas experiências, ameaçando-as à custa de desenganos terríveis, mas só em Cristo, no clima sagrado de aplicação dos seus princípios, é possível encontrar a passagem abençoada de definitiva salvação.



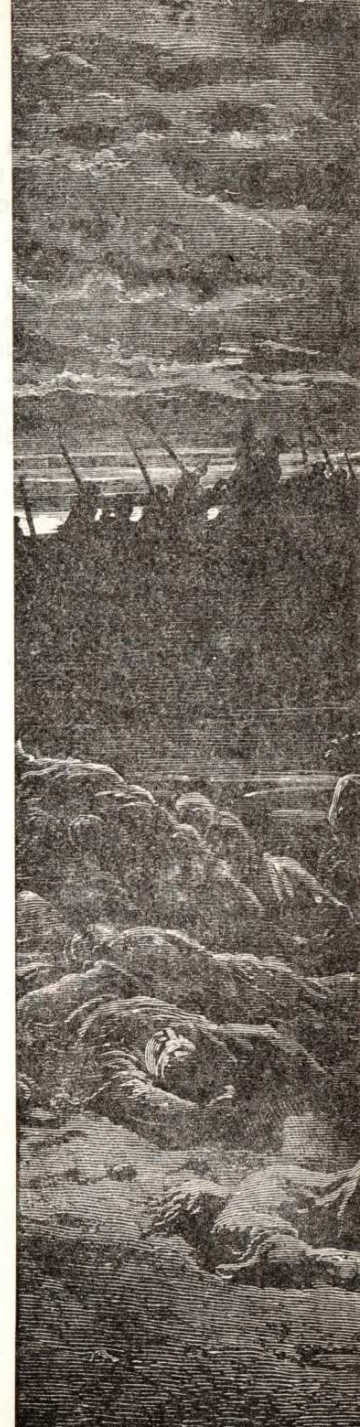
AUXILIAR E SERVIR

"... E amarás o teu próximo como a ti mesmo". — Jesus.

(Lucas, 10:27.)

Irmãos!

Quando estiverdes à beira do desânimo, porque alfinetadas do mundo vos hajam ferido o coração; quando o desespero vos ameace, à vista das provações que se vos abatem na senda, reflitamos naqueles companheiros outros que se agoniam, junto de nós, em meio dos espinheiros que nos marginam a estrada; nos que foram relegados à solidão sem voz de amigo que os reconforte; nos que tateiam, a pleno dia, ansiando por fio de luz que lhes atenuie a cegueira; nos que perderam o lume da razão e se despencaram na vala da loucura; nos que foram arrojados à orfandade, quando a existência na Terra se lhes esboça em começo, e naqueles que estão terminando a romagem no mundo, atirados à ventania; nos que desistiram do refúgio na fé e se encaminham, desorientados, para as trevas do suicídio; nos



que se largaram à deliquência, comprando arrependimentos e lágrimas na segregação em que expiam as próprias faltas; nos que choram escravizados à penúria, a definham de inanição!...

Façamos isso e aprenderemos a agradecer a Bondade de Deus que a todos nos reúne em sua bênção de amor, de vez que a melancolia se nos transformará no ser em clarão de piedade, ensinando-nos a observar que, por mais necessitados ou sofredores estejamos, dispomos ainda do privilégio de colaborar com Jesus, na edificação do Mundo Melhor, pela felicidade de auxiliar e pelo dom de servir.



A LÍNGUA

“A língua também é um fogo”. — Tiago:

(3:6).

A desidia das criaturas justifica as amargas considerações de Tiago, em sua epístola às comunidades do cristianismo.

O início de todas as hecatombes do planeta localiza-se, quase sempre, no mau uso da língua.

Ela está posta entre os membros do organismo humano como o pequeno leme de uma embarcação poderosa como lembra o grande apóstolo de Jerusalém. Em sua potencialidade está o recurso sagrado de criar, como o leme de proporções reduzidas foi instalado para conduzir.

A língua guarda a centelha divina do verbo mas o homem de modo geral, costuma desviá-la de sua função grandiosa para o pântano de cogitações subalternas, e aí temos como fonte de quase todos os des-



varios da Humanidade sofredora, cristalizada em propósitos mesquinhos, à mingua de humildade e de amor.

A guerra nasce da linguagem dos interesses criminosos, insatisfeitos. As grandes tragédias sociais se originam da linguagem dos sentimentos inferiores.

Poucas vezes, a língua do homem há consolado e edificado aos seus irmãos; notemos, porém, que a sua disposição é sempre ativa para excitar, disputar, deprimir, enxovalhar, acusar e ferir, desapiedadamente.

O discípulo sincero encontra nos apontamentos de Tiago uma tese brilhante para todas as suas experiências. E, quando chegue a noite de cada dia, será justo que interrogue a si mesmo: "Terei hoje utilizado a minha língua como Jesus utilizou a dele?"



INDICE

	Página
PREFÁCIO	1
SINAL DE AMOR	3
RESISTÊNCIA ESPIRITUAL	5
CAMINHOS CRUZADOS	7
CONTRA O PERIGO	9
FILHOS DE DEUS	11
OBEDIÊNCIA JUSTA	13
NÃO PEQUES MAIS!	15
A CURA PRÓPRIA	17
O BEM QUE NÃO FOI FEITO...	19
ONDE O REPOUSO?	21
SEM RUÍDOS	23
AS FORÇAS DO AMANHÃ!	25
LUZ EM NOSSAS MÃOS	27
ESTA NOITE!...	29
FAZER LUZ	31
ALGUÉM DEVE PLANTAR!	33
O PROVEITO DE TODOS	35
FUNDO DE SERVIÇO	37
O PONTO CERTO	39
BENÇÃO DE SOL	41
O AMOR PURO	43
RECURSOS E CAMINHOS	45
CONFIAREMOS	47
PROBLEMAS DO AMOR	49
VIVER EM PAZ	51
A SABEDORIA DO ALTO	53
OS SÁBIOS REAIS	55
SOMENTE ASSIM	57

PÁGINA DO MOÇO ESPÍRITA CRISTÃO	59
MENSAGEM DO NATAL	61
NATAL	65
QUE FAREI?	67
NA LUTA VULGAR	69
INTERROGAÇÃO DO MESTRE	71
A GRAÇA DO SENHOR	73
OPEREMOS	75
RENOVEMO-NOS	77
OBEDEÇAMOS	79
DE ALMAS NO AMOR	81
DE MÃOS NO BEM	83
O GRANDE SERVIDOR	85
NO JÚBILO DE SERVIR	87
FAÇAMOS LUZ ESPIRITUAL	89
PÁGINA DO NATAL	95
BILHETE FRATERNAL	97
NO QUADRO REAL	99
A ÁGUA FLUIDA	101
O PASSE	103
FRATERNIDADE	105
SERVIÇO	107
NA DIFUSÃO DO ESPIRITISMO	109
AO CLARÃO DA VERDADE	111
NA SEARA DO AUXÍLIO	113
A PORTA DA PALAVRA	115
SINAIS DO CÉU	117
O FARDO	119
EM EQUIPE ESPÍRITA	121

GRUPO EM CRISE	123
RECLAMAR MENOS	125
NOS CAMINHOS DA FÉ	127
NO GRUPO ESPÍRITA	129
NA SEARA MEDIÚNICA	131
QUESTÕES DO COTIDIANO	133
NA ESCOLA DIÁRIA	135
OPOSIÇÕES	137
OBSESSÕES	139
ELOGIOS E CRÍTICAS	141
CARIDADE DA PAZ	143
O NECESSÁRIO	145
MANDATO PESSOAL	147
TEUS ENCARGOS	149
DIREITO	151
FORÇA	153
TEU CONCURSO	155
DO LADO DE DEUS	157
ESCOLHAS	159
NA EXPERIÊNCIA DIÁRIA	161
AÇÃO E PRECE	163
VONTADE E RENOVAÇÃO	165
NAS DIRETRIZES DO EVANGELHO	167
O SERVO DO SENHOR	169
A PORTA DIVINA	171
AUXILIAR E SERVIR	173
A LÍNGUA	175



100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200

CASA EDITORA O CLARIM
Lançamentos Oportunos Culturais-Doutrinários